



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - CESUPI
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

CLAUDIANY DOS SANTOS RAMOS DA SILVA

**ANÁLISE HISTÓRICA SOBRE A TRADIÇÃO, MEMÓRIA E CULTURA
DO POVO MUNDURUKU NO SÉCULO XIX**

Itaituba- PA

2019

CLAUDIANY DOS SANTOS RAMOS DA SILVA

**ANÁLISE HISTÓRICA SOBRE A TRADIÇÃO, MEMÓRIA E CULTURA
DO POVO MUNDURUKU NO SÉCULO XIX**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciatura Plena do Curso de História.
Orientadora: Pro^{fa}. Esp. Lindamar Martins
Nogueira.

Itaituba- PA

2019

CLAUDIANY DOS SANTOS RAMOS DA SILVA

Análise Histórica Sobre a Tradição, Memória e Cultura do Povo Munduruku no século XIX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção da licenciatura Plena do curso de
História da Faculdade de Itaituba – FAI.
Orientadora: Prof.^a Esp. Lindamar Martins
Nogueira.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ **Nota:** _____

Prof.^a Lindamar Martins Nogueira. Esp.

Avaliador: _____ **Nota:** _____

Prof.^a Djalmira de Sá Almeida Barros. Dr.

Avaliadora: _____ **Nota:** _____

Prof.^a Margaret Ferreira de Aguiar. Esp.

Resultado: _____ **Média:** _____

Data: 17 de Dezembro de 2019

Dedico esta conquista primeiramente a Deus, em segundo, a minha mãe Delmarina Ribeiro Ramos, meu filho Yan Caleb Fernandes, ao meu esposo Washington Fernandes e a todos da minha família em geral, por nunca me deixarem desistir, por toda paciência quando me fiz ausente e por toda confiança que demonstraram quando nem eu mesma a tinha mais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido o dom da vida e por ter me deixado gozar de plena saúde e também por iluminar-me sempre.

A minha mãe Delmarina Ribeiro dos Santos, agradeço também ao meu esposo Washington Fernandes que sempre se fez presente em todos os momentos que precisei.

Ao meu filho Yan Caleb Fernandes.

A todos meus irmãos, mas em especial ao Claudiney Ramos e a Delbyane Ramos por todo apoio e paciência. A minha orientadora Lindamar Nogueira, exemplo de profissional e perseverança, lhe sou grata por toda dedicação, paciência e por nunca desistir quando nem eu mesma já não acreditava mais.

Aos meus docentes que fizeram parte dessa trajetória, vocês são exemplos de vida e profissionalismo.

A Faculdade de Itaituba (FAI), por proporcionar a nós um ensino de qualidade, e formar grandes profissionais para atuar na sociedade.

*"A palavra cria, enfeitiça, embriaga, gera monstros, faz heróis,
remete-nos para a nossa própria memória ancestral e dá
sentindo ao nosso estar no mundo." (Daniel Munduruku)*

RESUMO

Essa monografia traz uma reflexão dos povos indígenas, tendo como tema: Uma análise histórica sobre a Tradição, Memória e Cultura do Povo Munduruku no século XIX. Destacando as questões que envolvem esse grupo e as mazelas encontradas diante do fator histórico-sócio-cultural na sociedade brasileira. Durante séculos, vários grupos indígenas foram massacrados e tiveram suas origens esquecidas, outros até os dias atuais ainda não conseguiram reerguer suas antigas culturas. O processo de aculturação, fez com que muitos perdessem suas tradições e costumes, e os que ainda lembram, estão preocupados com o futuro das aldeias, pois cada dia que passa, mais se se deteriora o conhecimento que eles tentam repassar para as crianças indígenas. Dessa forma, a desvalorização pela cultura desses povos veem se reiterar, pois muito se fala do assunto, mas pouco se sabe sobre ele, então, esta pesquisa está embasada com autores renomados como Almeida, Beniwa, Darcy Ribeiro, Denevan, na qual aborda algumas indagações sobre as lacunas da história dos povos indígenas, enfatizando as problemáticas na preservação e valorização de seus hábitos. Ressaltando ainda, as lutas pelo reconhecimento de suas terras e direitos perante a Justiça. Ainda que haja vários estudiosos assim como os indígenas, se preocupam em resgatar a História e Cultura Indígena. Mesmo com todos os preconceitos que eles tiveram e ainda tem, deixando de lado o vitimismo, e passando a reconstruir uma nova história, sem deixar a antiga se perder, refazendo suas identidades. Dessa forma, realçar a importância de compreender a colaboração da cultura, história e costumes desses povos para a formação brasileira, tanto econômica como demográfica e cultural. Visando assim, apontar com exatidão do trabalho das etnias no desenvolvimento da nação brasileira.

Palavras-chaves: História Indígena. Tradições. Preservação. Cultura Indígena.

ABSTRACT

This monograph brings a reflection of indigenous peoples, having as its theme: A historical analysis on the Tradition, Memory and Culture of the Munduruku People in the 19th century. Highlighting the issues surrounding this group and the problems encountered in the face of the historical-socio-cultural factor in Brazilian society. For centuries, various indigenous groups were massacred and their origins forgotten, others to this day have not yet been able to rebuild their ancient cultures. The process of acculturation has caused many to lose their traditions and customs, and those who still remember are concerned about the future of the villages, as each passing day the knowledge they try to pass on to indigenous children deteriorates. Thus, the devaluation by the culture of these peoples is reiterated, as much is said about the subject, but little is known about it, so this research is based on renowned authors such as Almeida, Beniwa, Darcy Ribeiro, Denevan, which addresses some inquiries about the gaps in the history of indigenous peoples, emphasizing the problems in preserving and valuing their habits. Also highlighting the struggles for the recognition of their lands and rights before the courts. Although there are several scholars as well as indigenous people, they are concerned with rescuing Indigenous History and Culture. Even with all the prejudices they had and still have, leaving aside the victimism, and rebuilding a new history, without letting the old one get lost, remaking their identities. Thus, highlight the importance of understanding the collaboration of the culture, history and customs of these peoples for the Brazilian formation, both economic, demographic and cultural. Thus aiming to point out precisely the work of ethnic groups in the development of the Brazilian nation.

Keywords: Indigenous History. Traditions. Preservation. Indigenous culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Primeiros habitantes do Continente Americano.....	16
Figura 02 - Mulheres indígenas no cultivo de mandioca.....	17
Figura 03 - Comunidade indígena no período Paleoíndio.....	18
Figura 04 - Estreito de Bering.....	19
Figura 05 - Povoamento da América.....	20
Figura 06 - Nativos.....	22
Figura 07 - Cultura indígena.....	24
Figura 08 - Aldeia antes da chegada dos europeus.....	25
Figura 09 - Ritual antropofágico realizada pelos Tupinambás.....	28
Figura 10 - Indígenas praticando a pintura.....	29
Figura 11- Artefatos indígenas.....	30
Figura 12 - Grandes navegações.....	32
Figura 13 - Mapa do Tratado de Tordesilhas.....	33
Figura 14 - Astecas.....	34
Figura 15 - genocídio europeu contra os nativos.....	35
Figura 16 - Desembarque de Cabral em Porto Seguro.....	36
Figura 17 - Índios escravizados.....	37
Figura 18 - O ultimo Tamoio.....	38
Figura 19 - Primeira Missa no Brasil.....	39
Figura 20 - Aldeia indígena.....	40
Figura 21 - YanezPinzon.....	41
Figura 22 - Guerreira Amazonas.....	42
Figura 23 - Forte do Presépio.....	43
Figura 24 - forte do presépio hoje.....	44
Figura 25 - Padre Antônio Vieira.....	45
Figura 26 - Aldeamento na amazonia.....	46
Figura 27 - Padre Antônio Vieira durante o processo de catequização.....	47
Figura 28 - processo de catequização e aculturação.....	49
Figura 29 - Pedro Teixeira.....	50
Figura 30 - Alter do chão.....	51
Figura 31 - Cacique Munduruku.....	56
Figura 32 - Aldeia Munduruku no século XIX.....	57

Figura 33 - Itaituba no século XIX.....	58
Figura 34 - Conflito entre os guerreiros.....	60
Figura 35 - Missão Jesuítica.....	61
Figura 36 - Exercito português.....	62
Figura 37 - clã Munduruku.....	64
Figura 38 - Indígenas Brasileiros.....	65
Figura 39 - Guerreiro Munduruku.....	66
Figura 40 - Cabeça Troféu.....	67
Figura 41 - Dança Munduruku.....	69
Figura 42 - pintura corporal Munduruku.....	70
Figura 43 - Munduruku tatuada.....	71
Figura 44 - Cocar Munduruku.....	72
Figura 45 - Munduruku em trajes tradicionais.....	73
Figura 46 - Ritual Munduruku.....	74
Figura 47 - Ritual Munduruku.....	75
Figura 48 - Frei. Hugo Mensecom JoãoHuacu-apóm.....	76
Figura 49 - Ritual Xamamismo indígena.....	77
Figura 50 - Crisma Munduruku.....	78
Figura 51 - Família Munduruku.....	81

LISTA DE SIGLAS

Sigla 1 – IHGTap: Instituto Histórico e Geográfico do Tapajós

Sigla 2 – FUNAI: Fundação Nacional do Índio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	15
2.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DOS POVOS AMERICANOS	15
2.1.1 Os primeiros habitantes do Novo Mundo: Origem e história.....	15
2.1.2 A Cultura dos povos pré-cabralinos	23
2.1.3 Índios e Europeus: primeiros contatos e o processo de aculturação.....	30
2.2 A AMAZÔNIA:UM NOVO CENÁRIO PARA A EXPLORAÇÃO EUROPEIA E AS MISSÕES DE CATEQUESES.....	41
2.2.1 O Forte do Presépio: Origem e história	41
2.2.2As ações missionárias na Amazônia	45
2.2.3 O desbravamento do Rio Tapajós pelo navegante Pedro Teixeira	50
3 METODOLOGIA	53
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	53
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	56
4.1 ANÁLISE HISTÓRICA DAS TRADIÇÕES, MEMORIA E CULTURA DOS POVOS MUNDURUKU NO SÉCULO XIX.....	56
4.1.1 A origem histórica dos povos Munduruku.....	56
4.1.2 Os aspectos Culturais dos Munduruku	65
4.1.3 A luta dos povos Munduruku pela preservação de suas memórias.....	74
5. CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

A presente Monografia tem como tema: "Uma Análise Histórica sobre a Tradição, Memória e Cultura do povo Munduruku no século XIX. O referido trabalho busca indagar quais as consequências sofridas pelos povos Munduruku com o processo de catequização e aculturação praticada pelo colonizador europeu? Por que a Cultura indígena é ignorada e desvalorizada no contexto social brasileiro? Quais as dificuldades encontradas por essa sociedade para preservação e valorização de suas tradições, memórias e Cultura?

O estudo em questão tem como objetivo analisar as mudanças que ocorreram no contexto social, cultural, político e econômico da etnia Munduruku durante o processo de catequização, ainda refletir sobre o descaso e a desvalorização da sociedade brasileira em relação à história, tradições e memórias dessa sociedade. Do mesmo modo, busca refletir sobre a visão do indígena em relação à sua sobrevivência, a compreensão da luta dos povos tradicionais pela preservação de sua identidade e a sua importância para a formação econômica, política e social da região tapajônica e, ao mesmo tempo, analisar e divulgar a história e a preservação de suas raízes. Dando ênfase, às dificuldades encontradas pelos povos tradicionais em manter vivos seus aspectos culturais e, ao mesmo tempo, a luta para a preservação e valorização de suas raízes.

A realização dessa pesquisa partiu por motivação acadêmica, pessoal pelo fato de a pesquisadora ser uma descendente Munduruku, etnia da qual ela tem muita estima, respeito e orgulho, além da preocupação com a causa indígena, levando-se em consideração seus costumes, quanto por suas tradições e saberes, repassados durante gerações.

O estudo em questão pretende levar o leitor a compreender através de uma análise crítica, sobre a história, cultura e memória da etnia indígena, através de seus costumes tradicionais repassados durante gerações e sua importância e influência no processo de construção da identidade da sociedade como um todo. Levando a refletir sobre as questões que envolvem essa civilização em relação à sobrevivência e preservação de suas raízes, assim como a compreensão da luta dos povos tradicionais pela preservação de sua cultura, a importância dela na formação histórica e sociocultural dos brasileiros e, ao mesmo tempo, analisar e resgatar a história da cultura Munduruku ainda presente no nosso meio.

A metodologia desenvolvida foi à pesquisa bibliográfica qualitativa, com base na revisão literária na Micro História, com autores renomados como Almeida, Beniwa, Darcy Ribeiro, Denevan, entre outros. Será realizada, também, através de uma minuciosa consulta em livros, artigos, e outros materiais gabaritados com a devida propriedade e responsabilidade.

Este estudo tem como finalidade analisar e resgatar o patrimônio histórico-cultural - ainda existente nos indígenas Munduruku, significa muito mais do que um simples exercício de pesquisa científica, tornando-se um verdadeiro trabalho de valorização da cidadania e da diversidade sociocultural daquela etnia.

O trabalho está estruturado em cinco capítulos: O primeiro traz aspectos introdutórios do estudo; o segundo informa a Fundamentação Teórica com temas e subtemas sobre a dissertação em questão; o terceiro mostra a metodologia utilizada na pesquisa, o quarto expõe os resultados e discussões e o quinto os aspectos conclusivos do projeto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

2.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DOS POVOS AMERICANOS

2.1.1 Os primeiros habitantes do novo mundo: origem e história

De acordo com as pesquisas de Denevan (1992) antes da chegada dos exploradores europeus, o Continente que viria a ser chamado de América já era povoada por diversas civilizações, distribuída por todas as regiões, com costumes e culturas diferenciadas entre si. Essa pluralidade de povos e culturas se deu através da língua, dos costumes e das tradições, possibilitando desse modo diferentes sistemas de organização econômica, social e política.

Ainda baseado na pesquisa de Denevan (1992) fica evidenciado é que esse território era formado por diferentes populações, visto que, existia sociedade de coletores e caçadores, como a dos esquimós; que além da caça e da coleta, também praticavam a agricultura, e os povos da América do Sul; sociedades urbanas organizadas em Estados, como os Maias, Incas e Astecas e os povos primitivos do Brasil que praticavam diferentes atividades de subsistência, havia, entre eles, caçadores, pescadores, coletores e agricultores.

Já referimos que os índios, histórica e presentemente, não constituem um grupo étnico único. Ao contrário, caracterizam-se pela diversidade, a tal ponto que não há tribo igual a outra. A diversidade é biológica, no sentido de que a estrutura física pode variar; por vez com alguma intensidade, entre grupos, havendo uns de pele mais clara e, outros, mais escura, uns mais altos e outros mais baixos; uns mais robustos e outros mais franzinos. Costumes e hábitos também são muitos variados, constituindo centenas de tradições culturais que até podem ser agrupadas em tipos regionais sem que essa variedade desapareça. Por exemplo, Eduardo Galvão (1960) fez um grande esforço de síntese dessa variabilidade cultural e, mesmo assim, precisou dividir o Brasil indígena em 11 diferentes áreas culturais. (BERGAMASCHI 2012, p. 28-29).

Para Bergamaschie (2012), são poucas as informações que existem sobre o contexto histórico dos povos indígenas, nome esse genérico e de conotação pejorativa, visto que, ocorreu um equívoco quando Cristóvão Colombo aportou em terras americanas, ele acreditava ter chegado as Índias e, por esse motivo, chamou essa sociedade de Índios. No entanto, o termo "Índio" não destaca a diversidade de povos que povoavam esse Continente.

Segundo Denevan (1992), pode-se destacar, também, que os povos ameríndios eram muito numerosos. Mas, não existe um consenso em relação do total dessa população na época do contato com o europeu, em 1492, o que se tem são apenas estimativas. Quando a quantidade de habitantes da América estima-se que havia de 2 a 4 milhões de indígenas. Denevan (1992, p.147) afirmam que "Não se sabe precisamente a quantidade populacional dos primórdios, mas, estima-se que existiam aproximadamente cinquenta e três milhões de pessoas e cerca de cinco somente na bacia amazônica".

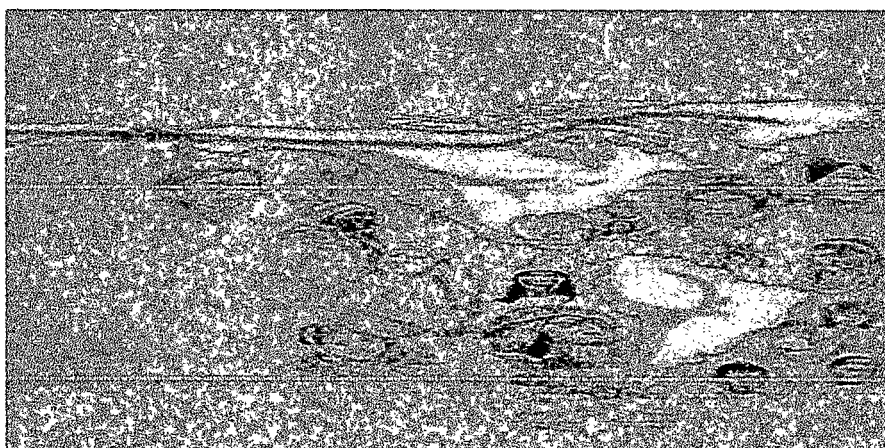


Figura 01 - Primeiros habitantes do Continente Americano.
Fonte: Emiliano Bellini

Pesquisadores como Denevan (1992) e Bergamaschie (2012) afirmam que, com toda essa evolução, passou a surgir sociedades divididas em classes sociais com um Estado dominador, que também chegou a arrecadar tributos, transformando assim a ordem indígena em uma civilização mais, completa na organização e cultura, em especial na América Central e nos Andes, destacando-se as civilizações Maia, Asteca e Inca.

Os donos da terra tinham suas relações políticas baseadas em regras sociais, religiosas e políticas, o trabalho era dividido por sexo e idades, a alimentação provinha da natureza grande caçadores, coletores e pescadores, algumas tribos já dominavam uma técnica mais rústica de plantio e domesticação de pequenos animais, utilizavam a floresta ao seu favor mantendo uma relação harmoniosa. (DENEVAN 1992 apud SILVA; GRUPIONI 1995, p. 147).

Seguindo o ponto de vista de Denevan (1992) apud Silva; Grupioni (1995) fica evidenciado que, as sociedades ameríndias desenvolveram diferentes culturas. Destacando, que alguns grupos sobreviviam exclusivamente da pesca, caça e coleta

e outras já praticavam a domesticação de animais e a agricultura rudimentar. Utilizavam como meio de sobrevivência a produção de arcos e flechas, faca de pedra, arpão entre outros. Em relação à agricultura, podemos destacar uma variedade de alimentos que eram cultivados por eles, dependendo da região, como: mandioca, feijão, milho, abóbora, tomate, pimentão, batata, abacate e cacau.



Figura 02 – Mulheres indígenas no cultivo de mandioca
Fonte: www.suacidade.com-para-agricultura-indigena.

Para Martins; Carvalho (1999), foi domesticado na América animais como a lhama, peru e o cachorro. Além disso, desenvolveram a tecelagem, o artesanato em cerâmicas e, ainda, realizavam rituais religiosos. O que fica configurado e que existia na América uma civilização com um sistema político, econômico, social e cultural de forma organizada e bem distribuída entre si. É essa organização fica visível no sistema que caracterizava uma divisão de trabalho de acordo com o sexo e idade.

Suas moradias, pequenas ou grandes palhoças, eram feitas com madeiras e folhas tiradas das árvores. Para fabricar suas armas de caça ou de guerras, também utilizavam recursos naturais: pedras, madeira e venenos extraídos de certas plantas. Alguns grupos indígenas cultivavam e ainda cultivam alimentos como a batata, inhame e o milho, e a técnica usada para preparar o terreno para o plantio sempre foi a queimada das árvores e arbustos, atividade que chamavam de coivara. (MARTINS; CARVALHO 1999, p.14).

Para Martins; Carvalho (1999), mesmo sem ter acesso e conhecimento da tecnologia que estava iniciado no Continente europeu, no período caracterizado como Idade Moderna, No entanto, os povos indígenas desenvolveram um amplo conhecimento do ambiente em que viviam, também criaram técnicas específicas para

a produção de equipamentos simples e rudimentares, mas, eficazes para desenvolverem as tarefas do cotidiano da Aldeia.

Martins; Carvalho (1999, p.14) diz que "Se voltamos ao passado, veremos que os primeiros habitantes do Brasil já tinham uma cultura extrativista, viviam daquilo que retiravam da natureza, através da caça, pesca e da colheita de frutos".



Figura 03 - Comunidade indígena no período Paleoíndio.

Fonte: thinglink.com

Como diz Marshal (1967, p.38), "Chama essa sociedade de "sociedade da abundância ou do lazer", é tinham todas as suas necessidades plenamente satisfeitas, como dedicavam um mínimo de horas diárias ao trabalho". De acordo com a teoria de Marshal (1967) o fato de dedicar menos tempo nesses afazeres, conforme o modelo de trabalho dos "brancos", não significa que essas sociedades eram acomodadas e, muito menos, tinham uma vida de privações, miseras ou dificuldades relacionadas ao contexto econômico.

Para Marshal (1967), o processo migratório dos nativos para a região conhecida como América do Sul, ocorreram a milênios. Esses indícios são descritos através de fosseis humanos mais antigos, e aceitos por todos os pesquisadores.

Baseado no ponto de vista de Marshal (1967), os povos Nativos da América, são descendentes dos povos caçadores e coletores que se instalaram nessa região, vindos da América do Norte através do Istmo de Panamá, e que passaram a habitar toda área do continente há milhares de anos. Ressaltando que para entender de forma mais clara e precisa o contexto histórico dos primeiros povos americanos é, necessário analisar de forma criteriosa origem desses povos.

Segundo Cunha (1992), há várias hipóteses que relatam a origem dos primeiros habitantes da América do Sul, com base na análise de vestígios encontrados ao longo do tempo, pesquisas arqueológicas deduziram que os seres humanos chegaram a América, vindo de outros continentes. Contudo há várias divergências sobre o tempo da sua chegada.

É tradicionalmente aceita a hipótese de uma migração terrestre vinda do nordeste da Ásia e se espalhando de norte a sul pelo continente americano, que poderia ter ocorrido entre 14 mil e 12 mil anos atrás. No entanto, há também possibilidades de entrada marítima no continente, pelo estreito de Bering: se é verdade que a Austrália foi alcançada há uns 50 mil anos por homens que, vindos da Ásia, atravessaram uns 60 km de mar, nada impediria que outros viessem para a América, por navegação costeira. (SOUSA 2017, p. 14 apud CUNHA, 1992).

Cunha (1992, p.15), "Em relação as teorias sobre a origem do homem americano é, que há considerável controvérsia sobre o período dessa migração, e não se sabe ao certo se ela é ou não a única fonte de povoamento das Américas". Conforme Cunha (1992) para que haja melhores esclarecimentos sobre a história dessas civilizações e necessário fazer um estudo de forma clara e concisa, sobre a origem dos primeiros habitantes do continente americano. Sabe-se que, entre de uns 35 mil acerca de uns 12mil anos atrás, o nível do mar teria abaixa do ocasionado pelo congelamento das águas nas regiões dos pólos.

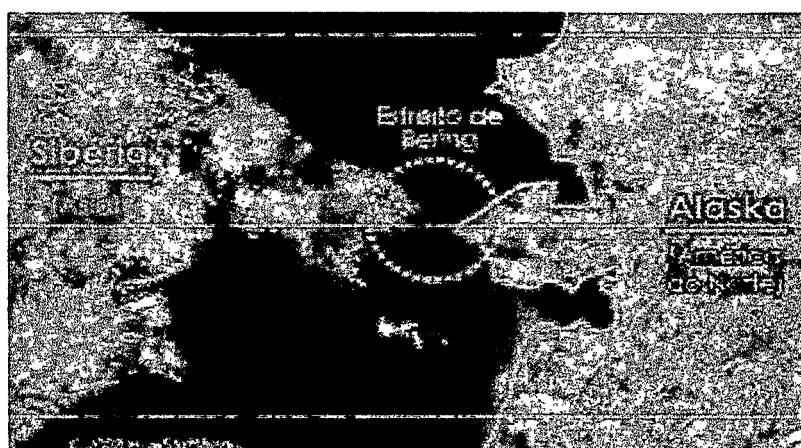


Figura 04 - Estreito de Bering.

Fonte: <http://www.efecade.com.br/estreiro-de-bering/>

Seguindo a teoria de Sousa (2017) apud Cunha (1992), esse período ficou conhecido como era glacial, devido a esse fenômeno o mar teria descido aproximadamente uns 50 m abaixo do nível normal. Devido a essas mudanças

ocorridas no planeta, apareceu uma faixa de terra chamada de Beríngia que teria permitido a passagem a pé da Ásia para a América.

Entre as pesquisas realizadas por antropólogos e arqueólogos sobre as ondas migratórias para o processo de povoação do Continente Americano, entre elas, uma das teorias mais aceita, por muito tempo, pelos cientistas é a de Clóvis as pesquisas arqueológicas foram realizadas no Novo México e nos Estados Unidos, em 1937. Cunha (1992, p. 12) destaca que, "Os primeiros habitantes do continente teriam chegado à América há cerca de 10, 5 mil anos. Vindos da Sibéria pelo extremo norte da Ásia, teriam atravessado o estreito de Bering e chegado ao Alasca".

De acordo com Cunha (1992), os artefatos de Clóvis seriam os vestígios mais antigos da presença humana na América. Contudo, há alguns relatos e estudos que divergem sobre a então teoria de Clovis, como a do sítio arqueológico de Monte Verde, no Chile 1970, onde foram encontrados objetos feitos de pedra e estruturas de habitações, dentre outros artefatos localizados que datam de aproximadamente 12,5 mil anos, ou seja, muito antes do que previa a teoria Clovis.

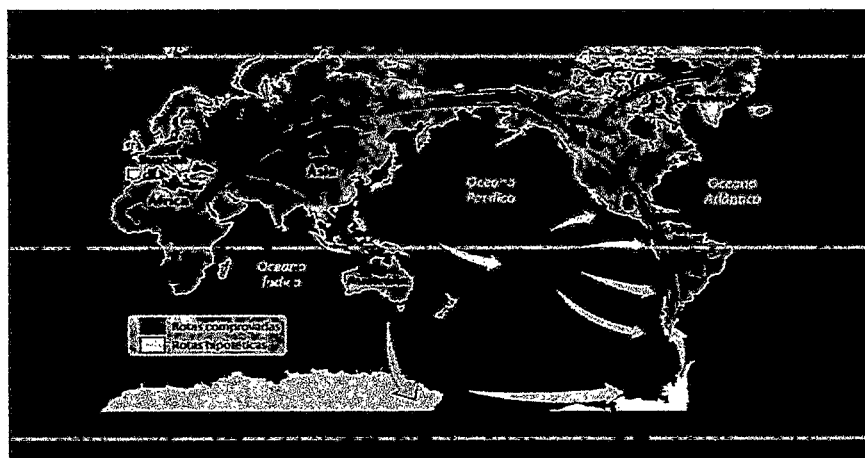


Figura 05 - Povoamento da América.
Fonte: ligadosnahistoria.com.br

Cunha (1992, p. 11), afirma "Os sítios para os quais se reivindicam as mais antigas datas teria um complicador, antes a sul do que a norte, contrariando a hipótese de que a América do Sul teria sido povoada após a do Norte". Baseado na teoria de Cunha (1992) fica evidenciado que em relação esses dados não há um consenso entre os arqueólogos. Refere-se ainda a uma pesquisa feita por uma linguista Nichols, (1990-1992), ressaltando que ela fez suas próprias pesquisas e, afirmou que a há uma diferença em relação aos estoques linguísticos, e afirmou que o povoamento da América teria sido iniciado há 30 mil-35 mil anos.

Cunha (1992, p. 11) diz que, "Aas mais conservadoras entre essas teorias em relação à profundidade temporal é de outra linguista". Porém, para Greenberg (1987), que mantém os fatídicos 12 mil anos e, ainda, estabelece que existam três grandes línguas colonizadoras e, que teriam entrado na América em sucessivas ondas migratória". Tudo isso põe em causa a hipótese de uma migração única de população siberiana pelo interior do estrito de Bering.

Em relação às hipóteses das ondas migratórias para o território, hoje, conhecido como Brasil a antropóloga Anna Roosevelt (1996) destaca que, às pesquisas demonstram que a ocupação dessa parte da América teria iniciado há milênios de anos. Pois, os fósseis humanos mais antigos aceitos por todos os pesquisadores datam de 11 a 12 mil anos.

Os primeiros colonizadores do território que é atualmente o Brasil chegaram há muitos milênios. Apesar de não existir consenso quanto à antiguidade da ocupação humana na América do Sul – pois, muitos são os critérios e metodologias empregados nas diferentes regiões do país – é certo que o continente já estava densamente habitado por volta de 12.000 anos atrás. Esses povos se adaptaram a um ambiente com muitos contrastes, espalharam-se e desenvolveram culturas ricas e diversificadas (...). (COSTA, 1992, p. 01).

De acordo com Sousa (2017), os primeiros habitantes do Brasil viveram cronologicamente no período chamado Paleoíndio. Visto que, essas sociedades que tiveram que se ambientar em várias regiões, ainda, em processo de formação, com ambientes inóspitos e diferentes aspectos como podemos destacar: a mata atlântica, o cerrado e a floresta amazônica.

Ainda seguindo a linha de pesquisa de Sousa (2017), Com uma biodiversidade diferenciada, destacando a fauna e a flora, geraram grande trunfo para esses imigrantes, que de forma lenta e gradual foram utilizando essas riquezas a seu favor, além dos rios que eram fonte de alimentos é transporte fluvial, existiam outros tipos de bioma como, os manguezais. Todas essas abundancias de novos recursos levaram um aumento da população e também a transformação do espaço natural para o geográfico.

Bergamaschi (2012) diz que, "á referimos que os índios, histórica e presentemente, não constituem um grupo étnico único. Ao contrário, caracterizam-se pela diversidade, a tal ponto que não há tribo igual à outra". Para Bergamaschiet (2012), esse entendimento é de suma importância para que haja uma compreensão

sobre a cultura desses povos. Dessa forma, é necessário levar em consideração os seus modos de vida, costumes e tradições.

A diversidade é biológica, no sentido de que a estrutura física pode variar; por vez com alguma intensidade, entre grupos, havendo uns de pele mais clara e, outros, mais escura, uns mais alto e outros mais baixos; uns mais robustos e outros mais franzinos. Costumes e hábitos também são muitos variados, constituindo centenas de tradições culturais que até podem ser agrupadas em tipos regionais sem que essa variedade desapareça. Por exemplo, Eduardo Galvão (1960) fez um grande esforço de síntese dessa variabilidade cultural e, mesmo assim, precisou dividir o Brasil indígena em 11 diferentes áreas culturais. (BERGAMASCHI 2012: 28-29).

Bergamaschi (2012, p. 29) diz que, “As teses sobre nativos são importantes porque permitem especular sobre aspectos de nossa história. E que a penetração humana ocorreu por sucessivas ondas migratórias antes de Colombo e Cabral”.



Figura 06 - Nativos.

Fonte: estudokids.com.br/os-indios-primeiros-habitantes-brasil/

Para Ribeiro (1970), os primeiros habitantes do Brasil chegaram a milhares de anos, traziam consigo uma organização social, política, econômica e cultural, que contribuíram para a formação de uma sociedade complexa e diversificada entre si. Alguns retiravam da natureza o que ela lhes oferecia, caça, pesca e coleta de frutos e raízes. Os que viviam próximos ao litoral complementavam sua alimentação com a pesca. Eram grupos nômades, pois não se fixavam num só lugar.

Em suma, e de fundamental importância que haja uma valorização, por parte da sociedade atual, em relação aos conhecimentos e ocupações dos ameríndios obtidos, no decorrer do tempo. Segundo Bergamashi (2012), essa civilização passou por vários processos de adaptação, assim como, foram se organizando em aldeias

conforme a tradição de cada povo. Apesar das diferenças que havia entre as sociedades nativas, elas apresentavam várias semelhanças, como a visão religiosa do mundo. Dessa forma, essa visão de mundo contribuiu para essas sociedades se fundamentassem na propriedade coletiva.

A questão da origem do Brasil não pode, portanto, ser entendida apenas pelos critérios do imediatismo mercantilista herdado dos colonizadores europeus, nem se deve limitar à mera afirmação dos valores pretensiosos e etnocêntricos de missionários religiosos; não serve também a avaliação exclusiva segundo os valores neoliberais assimilados passivamente pelas elites brancas, tampouco serve o patriotismo ingênuo dos militares positivistas. A compreensão sobre nossa identidade nacional precisa mergulhar na profundidade cronológica da ocupação humana, nesse continente, para resgatar aspectos marcantes que herdamos das tradições culturais originárias. (BERGAMASCHI 2012: p. 23-24).

Conforme Ribeiro (1970), os donos da Terra coexistirem, uns com os outros, com suas divergências e singularidades. Contudo, o homem “branco” necessitar apreender com os indígenas, lições referentes de como cuidar e proteger à fauna, à flora, a organização de trabalhos, sistema político, social e destacando o cultural

2.1.2 A Cultura dos povos Pré-cabralinos

Tylor (1963) destaca que, a palavra Cultura no sentido sociológico não é o mesmo que da linguagem comum, uma vez que na fala do cotidiano a palavra cultura pode ser usada com vários significados. Tylor (1963, p.35) diz que, “Um todo complexo que abarca conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e outras capacidades adquiridas pelo homem como integrante da sociedade”.

O que Tylor (1963), deixa claro é que a cultura não é apenas aquela herdada da herança biológica, mais, também, da capacidade desenvolvida pelo ser humano através do dia a dia. E ainda existem várias outras formas de expressões que acabam sendo definidas pelas características, o modo de vida e em especial, os costumes e as crenças e, também, os conhecimentos de determinado grupo.

Seguindo a linha de pensamento de Ginzeburg (2002), fica evidenciado a importância da sociedade dita “branca” respeitar, conhecer e analisar de forma criteriosa a cultura de qualquer sociedade, considerada popular, por alguns pensadores positivistas, inclusive a indígena.

De acordo com Gizeburg (2002), é necessário compreender que de acordo com o tempo a Cultura de um, determinado, grupo irá sofrer várias transformações. E essas mudanças, ocorrem devido a existências de diversos grupos humanos que são heterogêneos, ou seja, diferentes uns dos outros, destacando que, de acordo como o espaço e tempo eles vão adquirindo um modo de vida, costumes, religião, tradições e práticas culturais diferenciadas entre si.

O uso do termo cultura para designar o conjunto de práticas, atitudes e códigos de comportamentos próprios das classes subalternas é algo tardio e foi emprestado da antropologia cultural. Graças ao conceito de "cultura primitiva" reconheceu-se que aquelas pessoas, outrora definidas de forma paternalista como "camadas inferiores dos povos civilizados", eram dotadas de cultura. Superou-se, assim, a posição daqueles que identificavam nas ideias, crenças, visões de mundo das classes subalternas, apenas "um acúmulo desorganizado de fragmentos de ideias, crenças, visões de mundos elaborados pelas classes dominantes provavelmente vários séculos antes". (GINZBURG 2002, p.16-17).

Conforme Ginzburg (2002), à Cultura dos povos indígenas, pouco se conhece, visto que, as informações que foram repassadas se deram através da visão preconceituosa e elitista dos colonizadores, ou seja, uma visão baseada no europocentrismo.



Figura 07 - Cultura indígena.
Fonte: <http://girlsonboard.tumblr.com>

Segundo o Dicionário Houaiss (2004) sabe-se que, a cultura tem sua origem na língua latina, significa o ato de tratar, cuidar e venerar (no sentido físico moral) e sua derivação na agricultura (cultivar a terra), até sua definição sociológica, como conjunto de práticas, valores e normas que costuram as relações humanas, a cultura é um fenômeno plástico, sujeito a constantes transformações.

Com base na teoria de autores renomados nas áreas como, Burke (2005) Ginzburg (2002), e Thompson (1998) destacam que, o termo cultura popular atribuído a qualquer sociedade, inclusive a indígena é discriminatória e preconceituosa. Burke (2005, p.42), afirma "Trocas dialógicas entre cultura erudita e popular são razões suficientes para abandonar de vez o uso dos dois adjetivos uma posição controversa que, embora sedutora, não fica isenta de críticas".

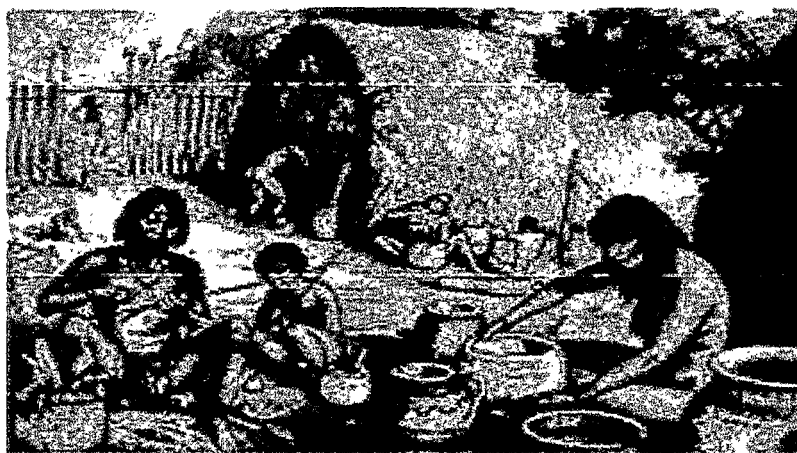


Figura 08 - Aldeia antes da chegada dos europeus.
Fonte: geoestudante. Wordpress.com

Thompson (1998, p.17) ressalta "Se faz necessário ter cuidado quanto ao uso do conceito de cultura popular. Além de um sistema de atitudes, valores e significados compartilhados, e as formas simbólicas que se acham incorporados". Como define Burke (2005, p.42), "Cultura é um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma permuta entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole".

Por essa premissa, cultura deve ser pensada como um campo de disputas, confrontos, dissensões e contradições – inclusive no terreno popular. Conceito vazio se utilizado como generalização universal, ele só vai ter algum significado quando inserido num contexto histórico específico ou, nos termos postos pelo historiador inglês, quando "situado no lugar material que Olhe corresponde". A "cultura plebeia" não se autodefinia, nem era isenta de influências externas. Assumia sua forma numa condição defensiva, porém em rota de colisão aos limites e controles impostos pelos governantes "patrícios": Espero que a cultura plebeia [seja] um conceito mais concreto e utilizável, não mais situado no ambiente de "significados, atitudes, valores", mas localizado dentro de um equilíbrio particular de relações sociais, um ambiente de trabalho de exploração e resistência à exploração, de relações de poder mascaradas pelos rituais do paternalismo e da deferência. (THOMPSON, 1998, p.17).

Para Bergamaschi (2012, p. 24), "Mesmo depois de descobrir que não estavam na Ásia e, sim em um continente até então desconhecido, os europeus continuaram a chamá-los assim, ignorando propositalmente as diferenças linguístico-culturais". Para Bergamaschi (2012, p. 24), "Mesmo depois de descobrir que não estavam na Ásia e, sim em um continente até então desconhecido, os europeus continuaram a chamá-los assim, ignorando propositalmente as diferenças linguístico-culturais".

Bergamaschi (2012, p. 24) diz que, "Se no período Pré-cabralino, as informações sobre os habitantes americanos são exclusivamente arqueológicas, a partir das "descobertas", a escrita perpetuou o relato de viajantes e missionários". Bergamaschi (2012, p. 24) esclarece "Nenhum europeu do período da "descoberta" foi capaz de imaginar a complexidade e a heterogeneidade de culturas e sociedade sobre os quais a cruz e a espada exerciam dominação e violência".

Segundo ponto de vista de Gomes (2012), "Índio" foi o nome designado aos habitantes das Américas pelos europeus que aqui chegaram, uma denominação genérica, homogênea, pela impressão que eles tiveram de haverem chegado às índias, negando as variedades culturais, sem qualquer interesse de raça, cor, costumes de etnias entre os povos que aqui havia. Comungando da mesma ideia Bergamaschi (2012, p. 24) relata que, "Os europeus recém-chegados chamaram de "índios" habitantes do Novo Mundo, e o termo passou a ser aplicado em sentido genérico e abstrato para todos quantos aqui se encontravam antes dos europeus.

Com desrespeito às diferenças, os europeus não davam importância para a cultura, pois eles queriam tomar posse de terras e riquezas, queriam que os "índios" fossem apenas seus aliados, ajudando-os a conquistar o território. Os europeus acreditavam que os "índios" seriam "cera fácil de modelar", mas nos primeiros anos os jesuítas perceberam que a transformação dos gentios em cristãos não seria tão fácil assim. Inconstâncias foram trazidas pelos jesuítas no que se referia aos "índios" como fraqueza de memória e de vontade, mesmo assim eles também reconheciam aspectos positivos nos indígenas. Como o fascínio pela onipotência divina, pela arte da escrita e da leitura. Estabelece-se, então, a oposição entre duas imagens: o bom índio e o mau índio. (GOMES 2012, p 45).

O autor Bergamaschi (2012, p. 24) diz que, "Mesmo quando os colonizadores tonaram-se amasiados com as mulheres da terra, não registraram no papel as razões culturais diversas das razões oficialmente impostas pela Igreja". Para o autor é explícito a forma como os colonizadores descriminaram o contexto histórico, cultural, econômica, política e social de todos os habitantes das terras que viriam a ser chamadas de América.

Dessa forma, fica evidenciado que no território brasileiro existia e existe uma variação de grupos étnicos. Como expõe Bergamaschi (2012, p. 28, 29), "Já referimos que os índios, histórica e presentemente, não constituem m grupo único. Ao contrário, caracterizam-se pela diversidade".

Com base em autores renomados na área com, Bergamashi, (2012), Gomes (2012) e Almeida (2012), fica claro em suas teorias que as civilizações indígenas viviam em suas aldeias de forma organizadas, com um sistema político, socioeconômico e culturas bem diferenciadas uns dos outros, ou seja, eles viviam em comunidade, organizadas conforme a tradição de cada povo. Mesmo com as diferenças que havia entre essas sociedades, elas apresentavam várias semelhanças, como a visão religiosa do mundo.

O confronto deixado pelo colonialismo sobre a imagem do índio, as políticas e relações entre os grupos indígenas ficaram esquecidas. Percebe-se que desde o processo de colonização do século XV o interesse para com os povos indígenas foi um só: domínio político, econômico e religioso, ignorando suas diferenças linguístico-culturais. As populações indígenas, geralmente, são vistas pela sociedade brasileira com preconceito e idealismo. Podemos observar na mídia como a imagem do índio vem sendo construída, a partir do ponto de vista do branco, a temática somente aparece quando envolve conflitos por terras, quando existe alguma ameaça com brancos e madeireiros, como o caso da nossa região, por exemplo. Por possuírem uma única imagem do índio, as pessoas, muitas vezes, têm se assustando com as novas imagens possibilitadas por estudos das mais diversas áreas. (GOMES 2012, p 4).

Para Gomes (2012), além de meios violentos, como a guerra, os povos indígenas mantinham contatos entre si por meios pacíficos como, festas. Nesses eventos, pessoas de diversas aldeias se dirigiam a uma aldeia anfitriã para se divertir, contar histórias sobre o presente e o passado, cultuar as forças da natureza e os espíritos dos antepassados, realizar trocas de produtos (como adornos) e discutir possíveis soluções para as adversidades naturais e os conflitos sociais que estivessem ocorrendo na região.

Segundo Gomes (2012), as religiões indígenas davam grande importância a terra. Essa forma de olhar contribuiu para que essas sociedades se baseassem na propriedade coletiva da terra. Isso significa que nenhum membro da aldeia podia afirmar que um pedaço de terra era somente seu, pois o território ocupado pela aldeia pertencia igualmente a todos os seus habitantes. Apesar disso, ferramentas e outros

bens eram propriedade privada, mas o excedente da produção individual de alimentos era dividido entre todos os membros da aldeia.

De acordo com Campos (2013), nas aldeias o ato antropofágico era praticado com prisioneiros de guerra, sendo associados a muitas das crenças dos indígenas. Esse prisioneiro, quando chegava à tribo, recebia uma esposa para lhe servir até o dia da sua morte. Durante o tempo em que ficava na aldeia, o prisioneiro levava uma vida normal, até ser inevitavelmente sacrificado.



Figura 09 - Ritual antropofágico realizada pelos Tupinambás.
Fonte: literaturanocinema.

Em relação à prática da antropofagia Léry (1578, p. 285) afirma que, "Todas as aldeias circunvizinhas são avisadas do dia da execução e breve começam a chegar de todos os lados homens, mulheres e meninos. Dançam então o cauinam". O autor ainda expõe "O próprio prisioneiro, apesar de não ignorar que assembleia se reúne para seu sacrifício dentro de poucas horas, longe de mostrar-se pesaroso enfeita-se todo de penas e salta e bebe como um dos mais alegres convivas".

O prisioneiro era bem tratado, satisfazem-lhe suas necessidades. A data do sacrifício não é marcada de imediato, primeiramente eles observavam suas qualidades se são bons caçadores e se as mulheres são boas no trabalho com a roça. Sendo assim, são deixavam eles vivos durante certo tempo; depois desse período era preparado um ritual e durante esses ritos os prisioneiros eram sacrificados e consumidos por toda a Aldeia. Para um guerreiro, se capturado pelo inimigo representava uma grande honra e um ato de coragem absoluta; já que seria vergonhoso mostra-se com medo ou recusar a ser devorado. (SOUSA, 2017, p. 25 apud LERY, 1578, p. 285)

Para Lerry (1578), os rituais praticados pelos nativos envolviam todos os componentes da tribo. E essas práticas tinham como costumes consumir a carne do inimigo abatido, a fim de adquirir suas habilidades, força do guerreiro e

conhecimentos. É necessário esclarecer que esses costumes devem ser analisados como práticas culturais antropofágicas, não como canibalismo ou selvageria, dessa forma, o prisioneiro era devorado não por necessitarem de comida, mas por puro ódio e, também para vingança de amigos e parentes presos e comidos no passado, ou ainda se apoderar do espírito do guerreiro morto.

Segundo Costa; Farias (2009), entre os povos que habitavam o Brasil, existiam diversas expressões culturais que estão intimamente ligadas as suas ações cotidianas. Destacando que, umas das mais importantes é a pintura corporal. Feitas normalmente com urucum, jenipapo e carvão, sendo que, elas podem representar diferentes aspectos da vida social dos membros de uma aldeia.



Figura 10 - Indígenas praticando a pintura.
Fonte: museu- Goeldi.br

Para Sousa (2017), as pinturas também podem ser utilizadas em ritos de passagem, em festas, em homenagens aos antepassados ou nascimento de uma criança, além de representar o estado de espírito. Entre algumas etnias indígenas, as pinturas são feitas exclusivamente pelas mulheres, todavia, existem vários grupos em que são feitas pelos homens ou por pessoas de ambos os sexos.

De acordo com Sousa (2017), os povos ceramistas se destacaram pelo desenvolvimento de uma importante cultura material simbolizada pela presença de vasos, bacias, urnas funerárias entre outros utensílios.

Todas as sociedades, e não apenas as que possuem escrita, têm uma cultura. Tanto a mais simples e isolada sociedade tribal quanto a mais complexa sociedade urbano-industrial possuem cultura, compreendendo conhecimentos, técnicas de transformação da natureza, valores, crenças de todo tipo, normas, é, pois, o modo de vida próprio de cada povo. Ela é o fundamento da sociedade e o que distingue o homem dos animais não-humanos. Cada povo, cada sociedade tem sua cultura, o que equivale dizer, seu modo de vida. (VILA NOVA, 2004, p. 54).

Comungando com Vila Nova (2004), no caso específico dos indígenas, esse processo de dominação que ocorreu nas relações culturais sobre os nativos da terra pelos europeus, foi ocasionado pela disputa de influências preponderante exercida tanto no setor econômico, social, político e cultural. Enfim, essas ações foram realizadas de forma brusca, sem chance dos indígenas se defenderem, as armas e as missões dos jesuítas foram os instrumentos usados para tentar convencer os donos da terra a aceitar o processo de aculturação e, também o trabalho escravo, tanto para os colonos como para os jesuítas em seus aldeamentos.

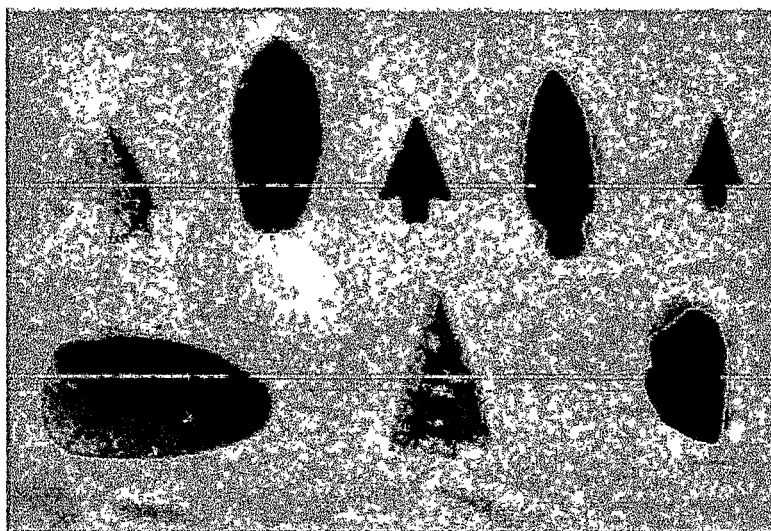


Figura 11 - Artefatos indígenas.
Fonte:arqueologiavaledoitapocu.blogspot

Para Vila Nova (2004), a fabricação de seus objetos se fazia necessário a matéria prima encontrada na natureza, como, palhas para a fabricação de telhados, redes, cestos entre outros. Utilizavam a cerâmica para a fabricação de potes, e os demais utensílios domésticos e até mesmo urnas funerárias. E para o cotidiano usavam como objeto fundamental a pedra, para a fabricação de lanças e machadinho.

2.1.3 Índios e Europeus: primeiros contatos e o processo de aculturação

De acordo Fonseca (2014), a partir do século XII, inúmeros reinos da Europa tinham iniciado o processo de formação dos Estados modernos. Essas mudanças estavam relacionadas a um conjunto de transformações sociais, culturais e econômicas, que ocorreram no período, com o revigoramento do comércio e das

idades, o questionamento do poder da Igreja, a difusão das ideias humanistas e o fortalecimento do poder do Rei. Dessa forma, pode se dizer que as Grandes Navegações estão entre um dos acontecimentos que marca a transição da chamada Idade das Trevas para a Idade Moderna.

Seguindo a linha de pesquisa de Fonseca (2014), até o século XIV, os europeus tinham pouco conhecimento geográfico, eles conheciam, apenas a Europa e as proximidades do Mediterrâneo, como o norte da África e algumas regiões da Ásia. Além disso, havia um grande medo do desconhecido. Velhas histórias, assustadoras, narradas pela Igreja Católica, diziam que o Oceano atlântico e as terras distantes eram habitadas por seres assustadores que assombravam os europeus. E isso retardou a exploração do Oceano Atlântico e dessas terras, hoje conhecidas com América.

“Como o fogo que lança, brasas como a boca de um forno, como uma chama tão alta e tão ardente que os {aos marinheiros} faz temer pela morte. O seu corpo é excessivo, e solta mugidos com maior força que quinze touros juntos (...). As ondas que desloca são tão altas que não necessita de mais nada para provocar tempestades”. (São Brandão {século V-VI}. In: Fonseca 2014, p. 16).

De acordo com Fonseca (2014) mesmo com o medo do desconhecido, no início do século XV, os europeus partiram para grandes viagens marítimas. O que levado a enfrentar seus medos e os desafios dos oceanos. Galeano (2010, p. 18) afirma que, “Portugal foi o primeiro nas grandes navegações. O aperfeiçoamento das caravelas revolucionou a tecnologia náutica”.

Seguindo a linha de pensamento de Galeano (2010), os portugueses deram início a exploração de novas rotas em direção às Índias, onde eles poderiam adquirir especiarias e outros artigos orientais, a preço baixo, e depois revendê-las a Europa, obtendo altos lucros. Como relata Galeano (2010, p. 18), “Essas viagens intensificaram a partir de 1453, quando a cidade de Constantinopla foi tomada pelos turcos otomanos, que passaram a controlar as rotas que ligavam o Mediterrâneo ao Oriente”.

De acordo com Mello; Costa (2006), com a conquista dos mares pelos portugueses e espanhóis, eles passaram a rivalizar entre si, levando a duas coroas a reivindicar a posse das terras ultramarinas. Para solucionar essa problemática, Portugal e Espanha recorreram a soberania do papa Alexandre VI. Para Gomes (1998, P. 285), “Em 1493, o papa, apresentou a Bula Intercoetera. Pelo acordo com

espanhóis ficariam com as terras encontradas por Colombo e os portugueses com as terras africanas”.



Figura 12 - Grandes navegações.
Fonte: conhecimento científico- R7.com

De acordo com Galeano (2010), a navegação Espanhola só teve após a centralização do Estado espanhol, concretizado com o casamento de Isabel de Castela e Fernando de Aragão, em 1476, e a expulsão definitiva dos árabes mulçumanos da Península Ibérica, em 1492, Espanha teve condições de lançar-se ao projeto ultramarino.

Após 61 dias de navegação e uma escala nas Canárias, atingiram a Ilha de Guanahani (San Salvador) na Bahamas e, em seguida, Cuba e Santo Domingo. Colombo descobrira um novo continente, mas não se apercebera disso, acreditava ter chegado às Índias. Até 150, realizará mais quatro viagens na tentativa de encontrar os mercadores indianos. Na verdade, completaria o descobrimento das Antilhas, do Panamá e da América do sul. (MELLO; COSTA, 2006, p. 27).

Segundo Mello; Costa (2006), a expedição comandada por Cristóvão Colombo deu início aos primeiros contatos com povos e culturas bastante distintas entre si. Esse encontro ocorreu quando Colombo chegou às terras que, posteriormente, seria chamada de América, a data que marca sua chegada é, em 12 de outubro de 1492. Terras essas, que eram habitadas por cerca de 80 milhões de pessoas. Como destaca Mello; Costa (2006, p. 27), “Em agosto de 1492, a nau Santa Maria e as caravelas Nina e Pinta partem de Palos rumo a oeste, sob o comando de Cristóvão Colombo”.

De acordo com Gomes (1998), contudo, Portugal não concordou e para evitar conflitos, representantes de ambos países se reuniram a convite do papa na cidade espanhola de Tordesilhas e chegam a um acordo que seria a criação de um novo

acordo, como diz Gomes (1998, p. 295), “Portugal e Espanha chegaram a um acordo em julho de 1494. Por meio do Tratado de Tordesilhas, que estabeleceu uma linha imaginária na qual dividia o novo mundo entre os dois reinos”.

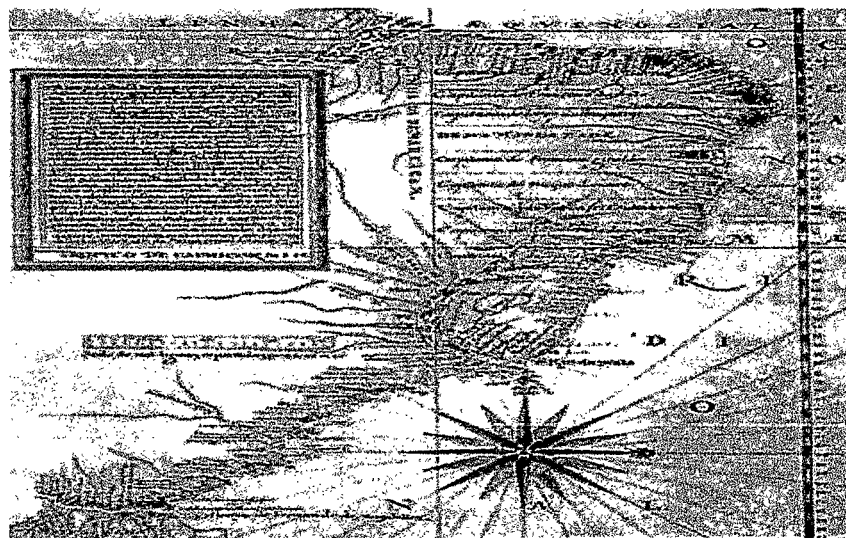


Figura 13 - Mapa do Tratado de Tordesilhas.
Fonte: efemeridesdoefemello.com

Sobre o encontro de duas culturas tão distintas entre si, Tufano (1999) destaca que, a esquadra de Cabral chegara em terras nativas em 22 de abril de 1500, inicialmente os contatos entre indígenas e os colonizadores foram marcados por estranhamento mútuo. Os europeus espantavam-se com a aparência dos nativos e não compreendiam o seu modo de vida, da mesma maneira que os indígenas estranharam os hábitos dos europeus.

“A feição deles é parda, um tanto avermelhada, com bons rostos e bons narizes, benfeitos. Andam nus, nenhuma cobertura. Não fazem o menor caso de enconbrir ou de mostrar suas vergonhas, e nisso tem tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam o lábio de baixo furado e metido nele seus ossos de verdade {...}”. (TUFANO, 1999, p. 31,33).

Lopes (1993) diz que, “O colonialismo envolve um relacionamento bilateral que beneficia inteiramente um lado a (Metrópole) em detrimento do outro (a Colônia). A metrópole é o componente ativo impõe e determina, é o fulcro da decisão”. Em relação aos habitantes do Novo Mundo Ribeiro (1970) destaca que, eram formados por diferentes sociedades primitivas, tinham suas próprias línguas, costumes e modos de vida. Estavam organizadas de diferentes maneiras, desde pequenos grupos habitando

as florestas tropicais até grandes impérios, como o dos Astecas e Maias na América Central, e o dos Incas, no Peru. Eles eram milhões.



Figura 14 - Astecas.
Fonte: aminoapps.com

Segundo Ribeiro (1970), em relação aos primeiros habitantes da América, a chegada dos invasores significou uma verdadeira catástrofe. Pelos caminhos abertos por Cristóvão vieram conquistadores ávidos por riquezas, em especial, a busca pelo ouro e prata. Dessa corrida por riquezas e pelo enriquecimento fácil resultou um rastro de devastação e sofrimentos para os donos da terra.

De acordo com Galeno (2010), a busca pelas matérias-primas, existentes no continente americano, fez com que ocorresse uma guerra totalmente desigual entre essas duas sociedades. Tendo como destaque a superioridade do armamento bélico dos invasores europeus, o que ocorreu foi um verdadeiro genocídio contra os nativos da América.

Sobre o processo de colonização do Brasil destaca-se o ponto de vista de Lopez (1993) que, descreve que os portugueses não agiriam diferentes da colonização espanhola. Sendo que, a conquista do Brasil ocorreu oito anos após a "descoberta" de Colombo. Como afirma Lopez (1993, p. 13), "Consta que Vasco da Gama, ao retornar a Portugal, teria repassado ao rei Dom Manuel a possibilidade de existir terras em direção ao sudoeste do Oceano atlântico".

Lopez (1993, p. 15) diz que, "Em 22 de abril de 1500, Pedro Álvares Cabral chegou à Costa do Atlântico da América do Sul, uma região que batizou de Porto Seguro (no atual estado da Bahia)". Desse modo, a coroa portuguesa iniciava a

conquista das novas terras, tomando posse de um território habitado pelos nativos havia milhões de anos.



Figura 15 - genocídio europeu contra os nativos.
Fonte: jornalgggn.com

Lopez (1993), questiona “Houve uma “descoberta”? Não enquanto revelação de algo desconhecido, visto que, e o próprio tratado de Tordesilhas o comprova – já existia uma razoável certeza quanto à existência de terras a ocidente”. Entretanto, por outro lado, enquanto tomada de posse, pode-se dizer que houve “descoberta” do Brasil, visto que os portugueses oficializaram o ato, que ninguém fizera antes.

Uma questão acadêmica, mas interessante, acerca da “descoberta” do Brasil é a seguinte: ela resultou de um acidente, de um acaso da sorte? Não, ao que tudo indica. Os defensores de casualidade são hoje uma corrente minoritária. A celebre cata da Caminha não refere a ocorrência de calmaria. Além disso, é difícil aceitar que uma frota com 13 caravelas, bússola e marinheiros experimentados se perdesse em pleno Oceano Atlântico e viesse bater nas costas da Bahia por acidente. (LOPEZ, 1993, p.13).

Segundo Lopez (1993), após tomar posse da Nova Terra, Cabral continuou sua viagem rumo ao Continente Asiático. Dessa forma, as terras brasileiras ficaram abandonadas por, aproximadamente, 30 anos. As primeiras expedições enviadas por Portugal tinham como principal finalidade reconhecer o litoral.

De acordo com Lopez (1993), desde o início da colonização, fica evidenciado o preconceito sofrido pelos nativos. Pindorama, que significa “terra das palmeiras”, era o nome dessa terra antes da chegada do europeu. Os portugueses deram o nome

de Vera Cruz a Pindorama. Nos anos seguintes, surgiram nomes como Terra nova, Terra dos Papagaios, Terra de Santa Cruz e, finalmente, o nome "Brasil" já usado nessa época.



Figura 16 - Desembarque de Cabral em Porto Seguro.
Fonte: dnacidadania.com.br

Salienta Ribeiro (1970), os exploradores portugueses não encontraram metais preciosos em suas primeiras excursões em terras brasileiras. Dessa forma, a primeira atividade lucrativa praticada pelos colonizadores foi a exploração do pau-brasil, árvore conhecida pelos indígenas de ibirapitanga, que significa "madeira vermelha". O pau-brasil era usado na Europa para preparação de uma tinta vermelha, com a qual tingiam tecidos, como já foi dito.

Ainda seguindo a teoria de Ribeiro (1970), a Coroa portuguesa logo declarou o monopólio real sobre a exploração do produto. Mas, para explorar o produto foi usado o regime de escambo. Por meio dele, os indígenas cortavam a madeira e carregavam até as caravelas em trocas das "bugigangas" ofertadas pelos colonizadores.

Para Almeida (2012), o colono português, necessitava do trabalho dos indígenas para explorar recursos naturais da região, já que ninguém mais era tão sabedor desses conhecimentos quanto os próprios nativos, assim como os missionários que para justificar sua presença na região, muitas vezes, coincidindo o interesse de ambos para explorar a mão de obra indígena.

Contudo, posteriormente veio a escravidão dos nativos. Como relata Ribeiro (1970, p. 20.) apud Almeida (2012), "Enquanto o negro era utilizado para mão de obra

mercantil e de exportação, o índio era utilizado para transportar cargas, cultivar gêneros, preparar alimentos, para a caça e a pesca”.



Figura 17- Índios escravizados.
Fonte: jornaljundiaiagora.com.br

O escritor indígena Baniwa (2006) descreve que, o diferencial era o jogo de valores por trás dos massacres cometidos pelos europeus, não que essas ações fossem de total desconhecimento do povo indígena, mas a forma com que essa prática se desenvolveu, a proporção e as consequências eram inimagináveis para os nativos, que não contavam com uma experiência prévia de intensas relações Inter étnicas e com os impactos provocados pela violência dos agentes de colonização, os quais foram por demais severos.

De acordo com Baniwa (2006), a história é testemunha das várias tragédias acarretadas pelos colonizadores contra essa civilização, como exemplo, a escravidão, as guerras, as doenças, os etnocídios e outros males que quase os exterminara por completo. De fato, não que esses povos desconhecessem a guerra, doenças e outros males, só que existia uma igualdade no armamento bélico, porque quando ocorria uma guerra as tribos usavam o arco e flecha, lanças e machadinhas, vencendo aquele que planejasse melhor sua defesa e ataque.



Figura 18 - O ultimo Tamoio
Fonte: amazona.com.br

Segundo Beniwa (2006), em contrapartida, o confronto com os exploradores era totalmente desigual: enquanto os indígenas usavam suas armas rudimentares, os europeus utilizaram os últimos modelos de armas da época moderna, sem contar que a colonização fazia parte de um projeto ambicioso do Velho Mundo de dominação cultural, econômica, política e militar.

É importante assinalar que, ao término do século XV, a igreja saía enfraquecida da Idade Média, contestada e dividida dentro das fronteiras europeias pela Reforma. Buscava a Igreja então, uma nova posição de equilíbrio de poder e prestígio, à sombra dos emergentes domínios católicos da Europa (Portugal, Espanha, França, Alemanha e Itália). Estes, por seu turno, preparavam-se para intensificar uma fase agressiva de conquistas e expansão colonial no restante do Mundo, para eles então desconhecido. (DIAS 1987, p.79).

Dias (1987), relata que aliada ao governo de Portugal dedicou-se a tarefa de evangelizar e colonizar os habitantes das Novas Terras. No entanto, para isso ocorrer, recorreu ao trabalho das ordens religiosas, em especial a companhia de Jesus. Como diz Dias (1987, p. 84), “a Igreja encontrou a sua nova Cruzada na colonização, desempenhando um papel eficiente ao tornar-se cúmplice dos reinos católicos expansionistas europeus, principalmente de Portugal e Espanha”.

Segundo Ribeiro (1970), quando os portugueses desembarcaram no Brasil, uma missa comemorativa foi realizada para celebrar a tomada da posse da nova terra. Em seguida o escrivão Pero Vaz de Caminha comentou em um dos trechos de sua carta ao Rei de Portugal sobre a pertinência da catequização dos indígenas, pessoas que aos olhos dos exploradores não tinha nenhuma crença. Tal preocupação e

evidenciada pela estreita relação da Igreja com o estado, uma vez que as duas instituições defendiam interesses comuns nas esferas religiosas, política e econômica

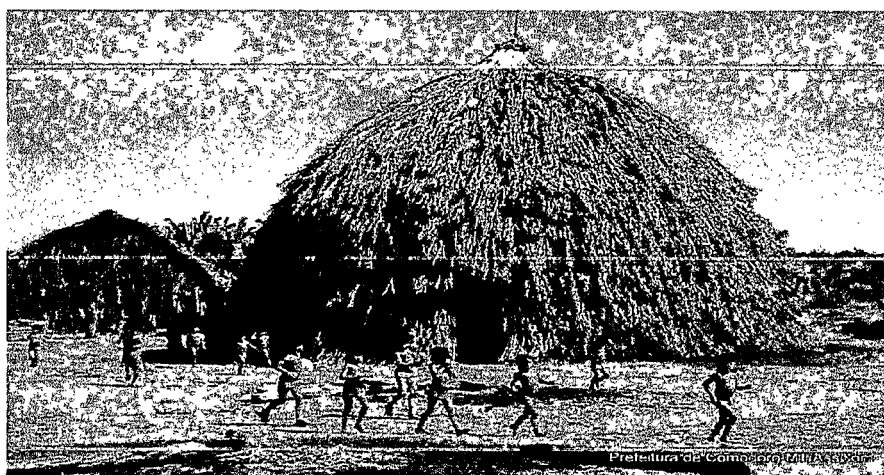


Figura 19 - Primeira Missa no Brasil
Fonte: pt.churchpop.com

De acordo com Dias (1987), os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil, com a comitiva de Tomé de Sousa, 1549. Liderados pelo Padre Manoel da Nóbrega, estabeleceram os primeiros núcleos de ação evangelizadora nas capitanias da Bahia e de São Vicente. Sendo que, um processo ainda hoje vivenciado pelas sociedades indígenas, o da aculturação.

Para Dias (1987), Os jesuítas que vieram para a América portuguesa tinham como intuito catequizar os indígenas de acordo com os costumes e hábitos tradicionais da civilização europeia. Portanto, os missionários procuravam reunir os nativos em aldeamento chamados de missões ou reduções, nos quais lhes ensinavam a cultura cristã da Europa.

Hildorf (2013) destaca que, apesar de serem movidos com sentimentos humanitários em busca da salvação espiritual dos indígenas, a atuação missionária contribuiu para o desequilíbrio dessas civilizações ao submeterem-nas ao seu controle, retirando sua autonomia. Pois, os jesuítas não aceitavam alguns aspectos culturais dos nativos, visto que, os consideravam diferentes e ao contrário da cultura cristã, combatendo instituições sociais inerentes ao funcionamento dessas etnias como as relações poligâmicas, a antropofagia e os rituais tradicionais



Fonte 20 - Aldeia indígena.
Fonte: matogrossomais.com.br

Hilsdorf (2013, p. 6, 7) afirma que, “O missionaríssimo heroico significava, para os jesuítas, viver nas aldeias com os índios e adotar seus costumes sem reconhecer a existência de diferentes culturas indígenas, nomeando-os de “gentio”. Comungando com Hilsdorf (2013), para os missionários era mais viável reunir os indígenas de diversas etnias em um só local, podendo assim manipulá-los e tomar conhecimento de seus costumes e pontos fracos.

Essa representação os convencia de que os índios eram “papel em branco”, isto é, registravam sem resistências os ensinamentos dos Evangelhos e da cultura portuguesa. Nessa fase a divulgação da fé cristã – a catequese – se fazia por contato e convencimento, forma tradicional de aproximação, com visitas, “sudações lacrimosas”, mímicas, discursos, presentes. Implicava alianças com os chefes indígenas e a utilização de interprete mamelucos, a “língua”, para contatos ocasionais, mantidos nas visitas, ou mais permanentes, quando os jesuítas moravam com eles. (HILSDORF, 2013: 6-7).

Cunha (2012) destaca que, “O índio perdeu as terras diante do avanço do branco, foi escravizado, torturado e tornou-se vítima de um genocídio silencioso e persistente às vezes assistemático, mas eficaz”. De acordo com Bergamaschi (2012), a conquista e colonização do continente americano podem ser consideradas um choque entre dois mundos antagônicos.

Segundo Bergamaschi (2012), o resultado desse choque nasceu um “Novo Mundo”: um continente produtor de grandes riquezas que, contudo, foram distribuídas de maneira desigual. As conseqüências desse encontro acarretam desigualdades e injustiças sociais, deixaram marcas profundas presentes até hoje nas sociedades da América Latina.

2.2. A AMAZÔNIA: UM NOVO CENÁRIO PARA A EXPLORAÇÃO EUROPEIA E AS MISSÕES DE CATEQUESES

2.2.1 O Forte do Presépio: Origem e História

De acordo com Almeida (2012), os primeiros navegadores que contornaram a Região Amazônica foram comandados pelo espanhol Vincente Yanez Pinzon. Contudo, Almeida (2012, p. 21) diz que, "Somente com a expedição de Francisco Orellana percorrendo o rio Amazonas, em fevereiro de 1541 a agosto de 1542, é que a Amazônia interior seria conhecida".

Para Ugarte (2003, p. 05) afirma que, "A região amazônica foi tocada pela primeira vez por europeus em fevereiro de 1500. Comandava a expedição o espanhol Vicente Yanez Pinzon". De acordo com Ugarte (2003), a partir desse encontro ocorreu vários contatos, mas não foram amigáveis, visto que, os colonizadores tinham como, fundamental, objetivos usar a mão de obra indígena de forma compulsória para explorar as matérias primas existente na região amazônica.



Figura 21 – Yanez Pinzon.
Fonte: <https://www.ceara.gov.br>

Para Monteiro (2008), essa expedição tinha como propósito, a descoberta de uma rota que levassem para o Atlântico, aonde possivelmente chegaria ao Eldorado, um lugar na floresta que segundo as lendas, os povos Incas, guardavam uma enorme cidade toda revestido a ouro. Monteiro, (2008, p. 24) diz que, "Outra lenda que envolveu a população indígena, nos primeiros contatos com os europeus, foi espalhada por Francisco de Orellana. Sua expedição teria sofrido um ataque de mulheres guerreiras".

Foi isso que ocorreu, por exemplo, com Francisco Orellana e Gonzalo Pizarro. Estes navegadores espanhóis, no século XVI, desceram o rio Marañon, no Peru, e o rio Solimões, no Brasil, chegando até a boca do rio Nhamunda, onde, ao que se sabe, Orellana disse ter sido atacado por uma tribo indígena só de mulheres que combatiam seus inimigos montadas em cavalos. Motivo este, afinal, que fez o rio receber o nome de rio das Amazonas, pois Orellana relacionou aquelas mulheres cavaleiras ao tipo das Amazonas encontradas na região da Capadócia (na Ásia Menor) MONTEIRO, 1924-2008, p.14).

Segundo Monteiro (2008), a lenda, dizendo que durante o trajeto da viagem os espanhóis encontraram dificuldades, entre elas foi um ataque que sofreram no percurso do rio Amazonas, por um grupo de mulheres guerreiras, eles a chamaram de Amazonas, não foi comprovado até os dias de hoje se eram realmente mulheres ou homens com cabelos compridos, que vistos de uma longa distância confundiu os navegadores espanhóis.

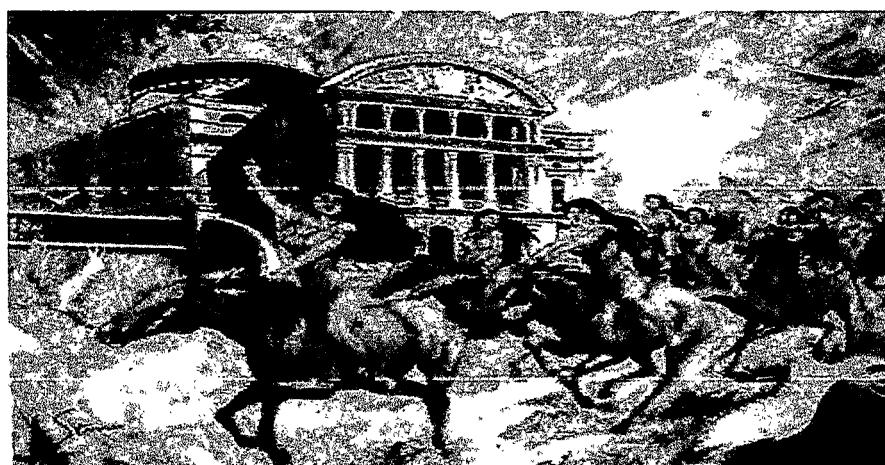


Figura 22 - Guerreira Amazonas.
Fonte: Povos e Crenças.

Para Reis (1993), o processo de colonização português na Região Amazônica teve início depois das expedições espanholas foi que se deu a sua dominação além do Tratado de Tordesilhas. Reis (1993, p. 17), destaca em sua citação “Em 12 de janeiro de 1616, o português Caldeira Castelo Branco aporta em Belém, acentuando a presença portuguesa na região”.

De acordo com Reis (1993), após os portugueses tomarem conhecimentos que os franceses ganharam a simpatia das diversas tribos indígenas do Maranhão, resolveram enviar Francisco Caldeira para garantir tais áreas para o governo de sua Majestade, o rei de Portugal.

Comungando com Almeida (2012), Castelo Branco recebeu para executar a missão o título de “descobridor” e Primeiro Conquistador da Amazônia. Como relata Reis (1993, p. 17), “Castelo Branco sai com a sua expedição no dia 25 de dezembro de 1615, dia de Nata de Jesus e parte em direção as terras do Pará, o que fez em 3 embarcações {...}”.

Reis (1993, p. 17) afirma que, “Foram dezoitos dias de viagem de São Luís até a Baía de Guajará, nos quais Castelo Branco buscou e pesquisou uma área em que pudesse se estabelecer com segurança um núcleo colonial”. Para Reis (1993), ao chegar ao Guajará dia 12 de janeiro de 1616, acabou por escolher a área onde hoje está o Forte do Castelo e ali ergueu um primeiro fortim de madeira, a que chamou Presépio em homenagem ao dia de sua partida.



Figura 23 - Forte do Presépio.
Fonte: haroldobaleixe.blogspot.com

De acordo com Reis (1993), é de suma importância destacar que a expedição de Castelo Branco, só teve êxito em sua conquista, porque contaram com a participação dos indígenas Tupinambás do Maranhão, que foram usados com o intuito de fazer a comunicação com os Tupinambás do Pará. Que a princípio receberam amigavelmente os colonizadores. Após, o primeiro contato os nativos perceberam que o interesse deles era a posse da terra, dando início aos conflitos onde, muitos nativos fugiram, escapando da escravidão e outros foram mortos ou catequizados pelos padres jesuítas.

A fundação e a construção da cidade de Belém foram feitas às custas de guerras constantes com os índios Tupinambás, que eram estimados em 20.000 naquela época. Depois de expedições e assaltos que redundaram em mortes de milhares de índios, massacrados ou expulsos das imediações, as autoridades portuguesas puderam dedicar-se à construção da cidade, contando desde logo com uma grande ajuda dos missionários. MONTEIRO (2008, p. 36).

Baseado em Monteiro (2008), depois de construído o Forte do Presépio é iniciada a formação do povoado que teria o nome Belém, a colonização portuguesa continuou o trabalho de ocupação da terra, combatendo e expulsando as expedições inglesas, francesas e holandesas que teimavam em se estabelecerem territórios recém-descobertos, expulsando até os índios que lhes opunham resistência. As expedições portuguesas que chegaram à terra eram compostas principalmente de militares, missionários, mercenários e degredados.

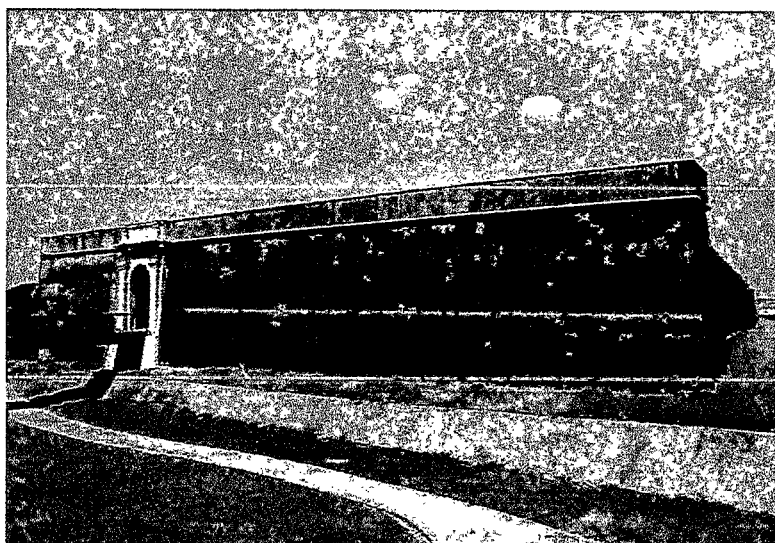


Figura 24 - forte do presépio hoje.
Fonte: Jean Barbosa 2008

Bicalho (1999, p. 22) ressalta que, "[...]. Um grande perigo advinha, nem tanto das guerras com os invasores, mas das relações com os indígenas, que eram mais aptos a interagirem na área, diferentemente dos neófitos europeus". De acordo com Bicalho (1999), Holandeses, ingleses, franceses, espanhóis e portugueses apresentavam os mesmos interesses advindos da expansão territorial, com foco nas possibilidades comerciais, como o rendoso negócio das especiarias.

2.2.2 As ações missionárias na Amazônia

De acordo com Denevan (1992), o primeiro encontro entre os europeus nas Terras Pindoramas pode ser considerado como um dos principais momentos da história da humanidade. A colonização praticada pelos portugueses marca o início de um novo dinamismo para a interação, de certa forma prejudicial para as sociedades nativas, entre os indígenas e europeus.



Figura 25 - Padre Antônio Vieira
Fonte: revistacult.uol.com.br

Segundo a pesquisa de Ribeiro (2006), a chegada dos portugueses abriu caminho para a divulgação do cristianismo, na nova colônia. Dessa forma, com a finalidade, aparentemente, de fazer os indígenas de terem conhecimento, do seu Deus, contudo, esse interesse era apenas uma desculpa, pois o objetivo principal era de manter uma determinada unidade em meio ao governo colonial.

{...} O objetivo é muito programático: encontrar produtos que sejam de grande valor, não sejam perecíveis e possam ser transportados para metrópole europeias com segurança, e sejam capazes de gerar lucros muitos altos para compensar os grandes riscos das empreitadas. Nestas categorias estavam os metais (ouro, prata e pedras preciosas-diamantes, esmeraldas e outros), as tinturas (como caso do pau-brasil), o algodão e as fibras e as castanhas. (MEIRELES FILHO, 1960, p.101).

O processo de colonização da Região Amazônica, ocorreu a partir da União Ibérica, ou seja, quando Portugal e Espanha se tornam um reino só. Como destaca

Meireles Filho (1960, p. 103), "A partir de 1580 a 1640, o período em que o tratado de Tordesilhas era letra morta".

Meireles Filho (1960), destaca que as missões jesuíticas na Amazônia seguiram o mesmo modelo das ações missionárias praticadas na América espanhola e no litoral brasileiro. Dessa maneira, a Companhia de Jesus usou o mesmo método com os nativos da região amazônica. Como foi descrito no capítulo anterior: Primeiro, os missionários reuniam os indígenas em aldeamentos, conhecidos como de missões ou reduções, nos quais seguiam o mesmo modelo cultural e religioso do cristianismo.

Para Hilsdorf (2013), as missões religiosas se distribuíram rapidamente por toda região amazônica, sendo encontrado desde o Forte do Presépio até o extremo ocidente. Nos ditos aldeamentos, locais os nativos aprendiam e absorviam a cultura europeia. Hilsdorf (2013, p. 11) afirma que, "O que estava em jogo era converter as almas dos índios ao Catolicismo e salvá-las do fogo do inferno".

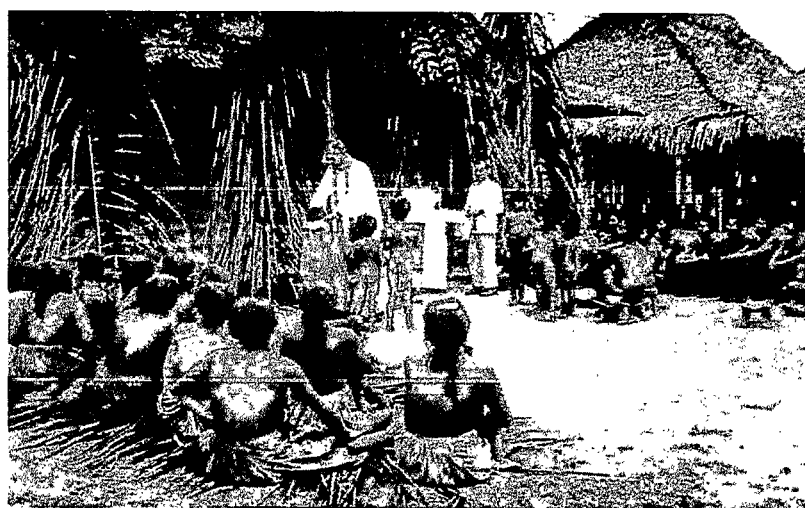


Figura 26 - Aldeamento na Amazônia
Fonte: pib.Socioambiental.org

Hilsdorf (2013, p. 13) diz que, "A atuação dos jesuítas no século XVI deve ser olhada também a luz do conceito de "missão" que permite inserir os jesuítas na diacronia da Igreja. Almeida (2012) destaca que, com o crescimento da Companhia de Jesus fez-se necessário o envio de mais religiosos com destino a Amazônia, sendo assim, o processo de catequização passa a ganhar mais influência ideológica e política a partir da vinda do Padre Antônio Vieira para, o Brasil em 24 de Novembro do ano de 1652, Vieira constituía uma autoridade superior nas missões, desenvolvendo um intenso trabalho pregação e evangelização na Amazônia.

Hilsdorf (2013, p 13) diz que, “O conceito de “missão” trabalhada por Bâeta Neves e Hoornaert, permite inserir os jesuítas na diacronia da Igreja”. Para Hilsdorf (2013), na atualidade percebe-se a necessidade de considerar duas diacronias: a da colonização, com o seu projeto invasor, e o da Igreja, com seu projeto missionário.

{...} O objetivo é muito programático: encontrar produtos que sejam de grande valor, não sejam perecíveis e possam ser transportados para metrópole europeias com segurança, e sejam capazes de gerar lucros muito altos para compensar os grandes riscos das empreitadas. Nestas categorias estavam os metais (ouro, prata e pedras preciosas-diamantes, esmeraldas e outros), as tinturas (como caso do pau-brasil), o algodão e as fibras e as castanhas. (MEIRELES FILHO, 1960, p.101).

Seguindo a linha de pesquisa a pesquisa de Meireles Filho (1960) após o primeiro contato, iniciou-se o processo de colonização e exploração das terras do Norte e dos nativos. Os “descobridores” criaram no Novo Mundo, um modelo inovador e diferente das sociedades nativas, ou seja, uma nova organização de vida, assim, transformou o cotidiano dessas sociedades.



Figura 27 - Padre Antônio Vieira durante o processo de catequização.

Fonte: revistacult.uol.com.br

Almeida (2012) enfatiza, “O colono precisava do trabalho do índio para explorar recursos naturais, para remar no Amazonas. O missionário precisava justificar sua presença na região, e para explorar o trabalho indígena”.

Comungando com as ideias de Almeida (2012) descreve que, o processo de união entre a Igreja e o Estado, tornou as ações missionárias como o maior agente ocupacional da Amazônia, pelos colonizadores portugueses, ou seja, os jesuítas eram de suma importância nas expedições exploratória descobertas do Novo Mundo. Porém, e de suma importância esclarecer que, embora, os padres jesuítas fossem os

mais atuantes e conhecidos no contexto histórico da catequização dessas sociedades ditas primitivas, existiam, também, outras ordens religiosas.

Segundo Chambouleyron (2003), o domínio missionário sobre os índios foi aparado pela Carta Régia de 19 de março de 1693 que ordenava uma divisão geográfica das missões entre as diversas ordens que atuavam na região a Coroa ainda ordenava a harmonização e as relações entre as religiões atuantes naquele período

Para Chambouleyron (2003), os primeiros missionários que chegaram na Amazônia, vieram com o propósito evangélico, foram os franciscanos da província de Santo Antônio. Eles construíram no ano de 1617, um pequeno núcleo nos arredores do Forte do Presépio, com a intenção de separar os nativos dos portugueses. Visto que, mais uma vez a palavra da ordem era pacificar os 'selvagens'.

Presente na América portuguesa desde 1549, a Companhia de Jesus teve um papel central na profunda transformação das sociedades indígenas através da catequese. Embora não fosse a única ordem religiosa a atuar na região norte da América portuguesa - no Estado do Maranhão Grão-Pará -, que contou com o apostolado de três províncias de franciscanos (Santo Antônio, Piedade e Conceição), além de mercedários e carmelitas. (CHAMBOULEYRON, 2003 p.170).

Para Ribeiro (2006) apud Almeida (2012), os missionários na Amazônia tiveram certa relevância na defesa do indígena contra a exploração da mão de obra escrava, do genocídio e morticínio provocados pela colonização, destacando os conflitos entre o missionário e o colono, Sendo que, os pregadores da fé, organizavam os indígenas nas missões, para facilitar o processo de catequização e aculturação.

Segundo Almeida (2012), a chegada dos colonizadores, na Amazônia, mudou de forma drástica o cotidiano dos nativos, além do espaço geográfico que foi sendo modificado com novas técnicas e costumes dos europeus. Terras foram saqueadas, extraindo riquezas, modificando a natureza do lugar, implantando alimentos, plantas e animais a exemplo da cabra, carneiros, cana-de-açúcar e o café, enquanto os indígenas sobreviviam daquilo que a terra os favorecia; mandioca, carne de caca, peixes dentre outros alimentos somente encontrados no novo continente.



Figura 28 - processo de catequização e aculturação.
Fonte: todoestudo.com.br

De acordo Hilsdorf (2013), Pombal, ao criar novas companhias de comércio monopolistas, buscava fortalecer grupos mercantilistas portugueses, favorecendo a acumulação de capitais para que pudessem competir com os comerciantes estrangeiros, principalmente com os ingleses. Nesse projeto do Marquês de Pombal, era essencial o controle das riquezas provenientes da Colônia portuguesa na América. Pombal enfrentou de forma implacável todos os seus opositores, desde as camadas populares até ricos aristocratas, além da poderosa ordem jesuítica.

Podemos apontar como práticas ilustradas em Portugal o centralismo, o burocratismo e o regalismo (subordinação da Igreja ao estado) no campo político, o mercantilismo tardio e o fisiocratismo no campo econômico e a secularização e estatização, no campo cultural. Elas serão desenvolvidas por Pombal para completar a substituição do “Estado da espada e d cruz” do século XVI, cuja estrutura social estamental era dominada pela nobreza e pelo clero, e manter sob controle o “Estado da indústria e do comércio”, dominado pela burguesia mercantil desde os meados do século XVIII. (HILSDORF, 2013, p. 16-17).

Hilsdorf (2013, p. 16, 17), “Entre as medidas tomadas por Pombal, a expulsão dos jesuítas de Portugal e das colônias portuguesas teve graves consequências.” Segundo o autor após a expulsão da Companhia de Jesus, a educação passou para a responsabilidade do estado português, substituindo o ensino jesuíta pelas aulas régias, que deveriam ser sustentadas por um novo imposto: subsídio literário. No entanto, a qualidade no ensino piorou, pois em muitas vilas e cidades não havia professores devidamente preparados para ministrar as aulas.

2.2.3 O desbravamento do Rio Tapajós pelo navegante Pedro Teixeira

Segundo Loureiro (1978), a história de Pedro Teixeira está relacionada com a exploração e colonização da Amazônia pelos portugueses. Essa aventura teve início no período em que Portugal e sua colônia brasileira estava sob o domínio espanhol. Loureiro (1978, p. 51) diz que, "Teixeira o maior bandeirante da Amazônia, a frente de numerosa caravana, sobre o Rio Amazonas até seu afluente Napo, onde funda um povoado em nome da Coroa Portuguesa".

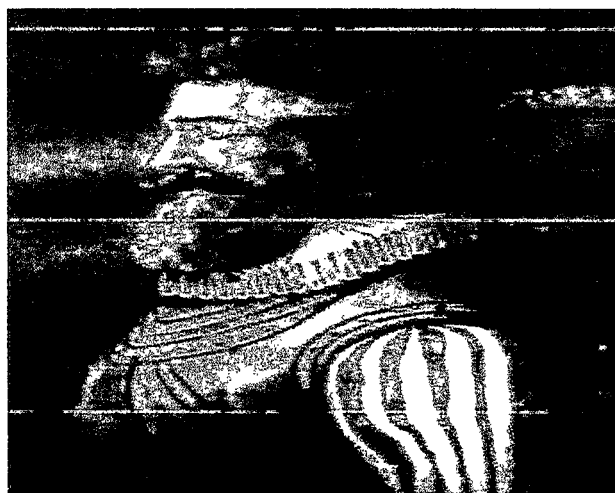


Figura 29 – Pedro Teixeira.

Fonte: <http://www.naval.com.br/ngb/P/P059/P059-NB.htm>

Almeida (2012) e IHGTap (2014) descreve que, Pedro Teixeira se destaca entre todos os desbravadores que navegaram pela Amazônia, pela bravura e coragem e, que posteriormente, foi agraciado com a titulação de "herói do Tapajós", diz Barredo (568, p. 247) apud IHGTap (2014, p. 19) , "Em 1626 Pedro Teixeira, chegando a à aldeia dos Tapuyusús, teve a notícia de que no Tapajós comerciavam uma Nação muito populosa que tinha nome o mesmo nome do rio".

Com base na citação de Loureiro (1978), foi feito uma análise sobre a posição geográfica das posições flamengas existente na Região amazônica, a pessoa responsável para efetuar esse estudo foi Luís Aranha de Vasconcelos. Como afirma Loureiro (1978, p. 51-52), "Dele não mais se tendo mais notícias, Bento Maciel, auxiliado por Pedro Teixeira, Alves Chichorro e Salvador de Melo, com uma força de 70 soldados e 1000 índios, apressaram em ir ajudar, Luís".

Pedro Teixeira tomou Mariocai, onde Maciel Parente fundou a fortaleza de Santo Antônio de Gurupá, deixando ali uma guarnição de cinquenta homens sob as ordens de Jeronimo de Albuquerque. A seguir em 1625, Pedro Teixeira com o auxílio de Jeronimo de Albuquerque e Pedro da Costa Favela, destruiu as posições de Orange, Nassau e Mondiatuba, que foi tomada a 3 de maio de 162, refugiando-se os holandeses entre os ingleses, no Amapá. (LOUREIRO 1978, p. 52).

O contexto histórico do processo exploratório realizado por Teixeira na região amazônica, Loureiro (1978, p. 52) relata que, “A expedição de Pedro Teixeira ampliou os domínios portugueses na Amazônia em cerca 2.400 quilômetros”. Segundo Loureiro (1978), os espanhóis não gostaram de ver a Coroa portuguesa explorando e colonizando o seu território. Dessa forma, pediram ao rei da Espanha que punisse as pessoas envolvidas não aprovaram as ações e exigiram ao rei da Espanha que tomasse medidas punitivas contra as invasões em território espanholas na Amazônia.

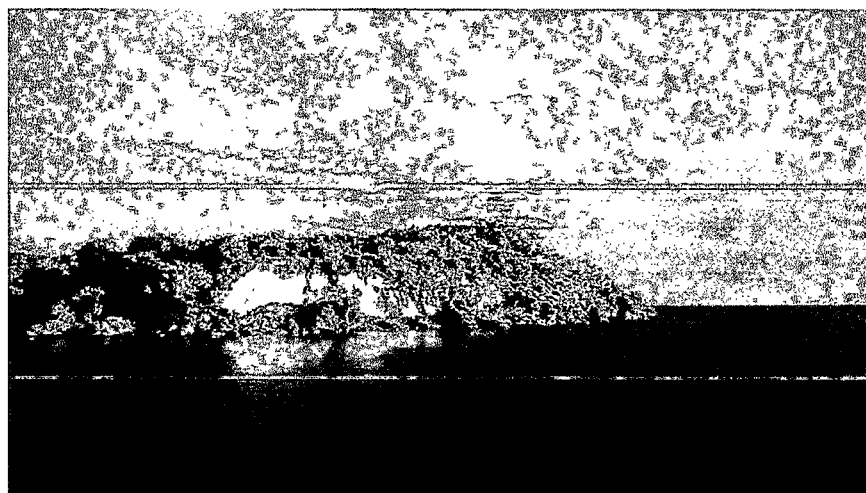


Figura 30 - Alter do chão.
Fonte: hypeness.com.br

Com base na linha de pesquisa de Coudreau (1997), o processo de navegação, exploração e colonização da região do Tapajós ocorreu por volta de 1626, que tinha como objetivos, apossar-se das terras e escravizar os nativos. Como destaca IHGTap (2014, p. 19), “Teixeira, entrando no Rio Tapajós, chegou até uma enseada de cristalinas águas a que servia de dossel um belo arvoredor (“provavelmente”), onde descobriu os novos tapuyuos, com quais comunicou”.

Segundo o Instituto Histórico e Geográfico do Tapajós IHGTap (2014), a região escolhida para ser a base das missões religiosas foi Alter do Chão, que tinha como líder os jesuítas. Até o século XVIII, a vila era habitada majoritariamente pelos índios Borari.

Para Amorim (2013), dos 1990 até atualidade, a Vila de Áter do Chão tem como base econômica o turismo. Destacando que as várias tribos que habitavam são descritas na historiografia como uma das tribos mais bélicas da Amazônia. Almeida (2012, p. 427) diz que, "De acordo com os naturalistas Spix e Martius, 1938, os Munduruku se assemelham aos espartanos entre os índios bravios do norte do Brasil".

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

A metodologia da pesquisa foi baseada na classificação científica de Chizzotti (2008), o qual diz que a pesquisa reconhece o saber acumulado na história humana e se investe do interesse em aprofundar as análises e fazer novas descobertas em favor da vida humana. Preconiza que a ciência é una e que os fatos humanos e sociais não diferem dos fatos das ciências da natureza. Explica ainda que o mesmo modelo de pesquisa das ciências naturais deve servir para legitimar as afirmações científicas das ciências do homem.

A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para esta atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e a experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado à sua vida. Nessa tarefa, confronta-se todas as forças da natureza e de si próprio, arregimenta todas as energias da sua capacidade criadora, organiza todas as possibilidades da sua ação e seleciona as melhores técnicas e instrumentos para descobrir objetos que transforma os horizontes da sua vida. Transformar o mundo, criar objetos e concepções, encontrar explicações e avançar previsões, trabalhar a natureza e elaborar as suas ações e ideias, são fins subjacentes a todo esforço de pesquisa. (CHIZZOTTI 2008, p. 11).

Para Xavier (2010), a pesquisa em seu aspecto geral é o fator principal para realizar um trabalho de estudo científico, sendo de suma importância para concretizar o estudo com bases bibliográficas onde o pesquisador se torna informal mediante as opiniões dos autores e dos entrevistados. Dessa forma, os métodos adotados na pesquisa fundamentaram para materializar a monografia.

Chizzotti (2009, p. 15) diz que, "Precisamos partir da compreensão de que Metodologia Científica é a disciplina que "estuda os caminhos do saber", entendendo que "método" representa caminho, "logia" significa estudo e "ciência", saber". Ou seja, são procedimentos que precisamos aprender para realizarmos um trabalho científico. De acordo com o autor, a análise do trabalho científico se consolida progressivamente através de um conjunto de procedimento ou método científico que ajudam na compreensão da realidade social do problema a ser investigado. Ressaltado que

esses métodos são os caminhos que levam a explicação do fenômeno e a construção do conhecimento.

Severino (2007, p. 117) diz que, "A ciência se constitui aplicando técnicas, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos. Tem assim elementos gerais que são comuns a todos os processos de conhecimento que pretenda realizar, marcando toda atividade de pesquisa". Xavier (2010, p.36-37), também acrescenta "Método é uma forma de ordenar e organizar etapas de uma ação para atingir um objetivo específico. Toda ação humana tem um método, um modo de fazer, ainda que inconsciente, inconsistente e pouco produtiva".

Severino (2007) afirma que, a revisão bibliográfica ou a da literatura é a análise crítica, meticulosa e ampla das publicações correntes de uma determinada área de conhecimento. E que esse tipo de pesquisa tem por objetivo colocar o pesquisador em contato com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado tema. Vale ressaltar que a pesquisa bibliográfica não é somente uma repetição sobre a visão de outros autores, mas consiste em uma análise de um tema sob enfoque ou abordagem diferenciado podendo-se chegar em novas conclusões.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir de registro disponível, decorrente de pesquisa anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO 2007, p. 22).

A Monografia "Análise histórica das tradições, cultura e memória e cultura dos povos Munduruku no século XIX", foi desenvolvido através da pesquisa bibliográfica que procura discutir explicar esse tema com base em referências teóricas através da análise de textos de grandes escritores de renome na área como, Almeida (2012), Cunha (1992), Denevan (1992), Lopes (1995), e ainda um escritor Indígena Beniwan (2006) com base também em revisão literária da Micro História e História Social das Comunidades.

Para Severino (2007), a revisão bibliográfica ou a da literatura é a análise crítica, meticulosa e ampla das publicações correntes de uma determinada área de conhecimento. Vale ressaltar que esse tipo de pesquisa tem por objetivo colocar o pesquisador em contato com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado tema. Vale ressaltar que a pesquisa bibliográfica não é somente uma repetição sobre

a visão de outros autores, mas consiste em uma análise de um tema sob enfoque ou abordagem diferenciado podendo-se chegar em novas conclusões.

Dessa forma para a coleta de dados utilizou-se a pesquisa bibliográfica, aquela que se desenvolve tentando explicar um problema a partir das teorias publicadas em diversos tipos de fontes: livros, artigos, manuais, enciclopédias, meios eletrônicos, etc. Para Severino (2007), a pesquisa bibliográfica pode ser realizada com diferentes fins: para ampliar o grau de conhecimento em uma determinada área; Para dominar o conhecimento disponível e utilizá-lo como base na construção de um modelo teórico explicativo de um problema e para descrever ou sistematizar o estado da arte, daquele momento, pertinente a um determinado tema.

Bocato (2006, p. 266) diz que, "A pesquisa bibliográfica qualitativa busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas". Ainda com base na linha de pesquisa de Bocato (2006, p. 266) afirma que, "Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica".

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, entre outros. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. (CARNAVELLI; CAUCHICK 2001, p. 31).

Em relação a abordagem qualitativa Chizzotti (2008) diz que, "Essas caracterizações por aspectos externas à pesquisa encerram oposições mais complexas, representadas tanto por concepções da realidade e pelo modo de aceder, legitimar e formalizar o conhecimento, quanto pelas técnicas mais eficazes de declarar verdadeiro um conhecimento".

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ANÁLISE HISTÓRICA DAS TRADIÇÕES, MEMÓRIA E CULTURA DOS POVOS MUNDURUKU NO SÉCULO XIX

4.1.1 Origem histórica dos povos Munduruku

Segundo Souza; Martins (2004) os Munduruku são descritos no contexto historiográfico como um dos povos indígenas mais guerreiros da Região Amazônica, como afirma Spix; Martius (1820) apud Almeida (2012, p. 422), "os espartanos entre os índios bravios do norte do Brasil".



Figura 31 - Cacique Munduruku.
Fonte: <http://www.geocities.ws/terrabrasileira>

Para Almeida (2012), os Munduruku são descritos pelas tribos rivais como Paiquicé, ou seja, os "cortadores de cabeça", *Weidyenye* e como Pari e Caras-Pretas, são, também, denominados como *Wuyjuyu* ou *Wuyjugu*, eles dominaram com sua Cultura o espaço geográfico do Vale do Tapajós, que ficou conhecido, no século XIX, como Mundurukania, que era um território limitado ao norte pelo rio Amazonas, ao sul pelo Juruena, a leste pelo Tapajós e a oeste pelo rio Madeira.

Os grupos guerreiros Munduruku se compunham de índios de diferentes aldeias, que, no entanto, mantinham sempre um contingente masculino em cada uma delas face à necessidade da continuidade da provisão alimentar e à defesa de suas respectivas comunidades. (ALMEIDA 2012, p. 422).

Ainda com base na linha de pesquisa de Almeida (2012) destaca que, esses povos sejam originários dos Andes e que, posteriormente, migraram para as “Terras Baixas”, e aos poucos foram adquirindo os hábitos e os costumes dos povos de língua Tupi, a partir do contato. Há registros históricos desse povo a partir da segunda metade do século XVIII na região do rio Madeira no atual estado do Amazonas. Denominado por tribos vizinhas de *paiquicés* que significa cortadores de cabeça.



Figura 32 - Aldeia Munduruku no século XIX.
Fonte: www.pib.socioambiental.org

Para Spix; Martius (1820) apud Almeida (2012), o termo Mundurukânia, não era bem visto pelos nativos, até atualidade, pelo fato de sua escrita e pronúncia descrito na historiografia estarem conforme a língua do pariwat, ou seja, do homem branco. O termo certo *Mundurukugueipi* que significa “Terra dos Munduruku”, no entanto, é comum a distorção ou adaptação de algumas palavras de origem indígena pelo homem branco. Isso se confirma, com o nome da cidade de Itaituba, que era no passado uma aldeia dessa etnia.

De acordo com Sousa (2017), foi através de relatos orais, feitos pelos indígenas, que o nome da cidade de Itaituba passou por um processo de transformação devido o “branco” não saber pronunciar a palavra, pois, o correto seria *Dayduba*, que significa braço de tatu, esse termo surgiu pelo fato da cidade servir de referência para caça, pesca e a prática de escambo, além de servir como um local de encontro entre os nativos, entre os nativos depois de longas viagens.



Figura 33 - Itaituba no século XIX.
Fonte: www.sidcanto.blogspot.com

Comungando com Souza (2017), o que fica explícito é que quando se trata da historiografia da Amazônia, a uma clara ocultação da participação do Nativos da Terra na construção da história. Como fica explícito a negação dos Munduruku na construção histórica da região tapajônica. Porque, conforme a história local o nome Itaituba é de origem Tupi, que significa "lugar dos pedregulhos ou pedras miúdas" o que é distorcido pelos nativos, que relatam que muito antes dos primeiros "pariwat" que nessas terras chegaram eles já a conheciam pois fazia parte de sua rota de guerra e posteriormente de escambo a denominando de *Dayduba*.

Antes de estabelecida a paz com os colonizadores, os Munduruku eram seus implacáveis inimigos e os enfrentavam com o destemor e a bravura que os distinguiam dos demais grupos amazônicos. Em muitos enfrentamentos, acabada a munição das forças governamentais, estas batiam em retirada uma vez que sem o poder que lhes ofereciam as armas de fogo os soldados se tornavam presas fáceis dos Munduruku. (ALMEIDA, 2012, p. 428).

Segundo Almeida (2012), essa civilização origina em sua grande maioria especialmente dos campos do Alto Tapajós, está organizada em 38 clãs que são divididos em metades exogâmicas, a porção vermelha e a branca, regulando assim os casamentos, pois cada indivíduo de uma metade deveria se casar com outro da metade oposta. Desta forma podem controlar sua organização social.

Contudo, a partir da chegada dos primeiros colonizadores na região do Tapajós, o cotidiano dos Munduruku sofreu grandes mudanças. Segundo Souza (1986), a partir do momento que as Comunidades coloniais surgiam às margens do

Rio Tapajós, ocorreu um deslocamento das tribos dessa etnia, que fugiam dos exploradores, seguindo sempre o leito do Rio.

Ferreira Pena (1869, p. 114) diz, "A aldeia de Santa Cruz foi antiga missão dos padres jesuítas durante o século XVIII, já Cury e Uxituba, foram aldeias criadas no final do século XVIII sob a administração dos portugueses". Segundo Ferreira Pena (1869), o modelo organizacional político e administrativo imposto pelos colonizadores fez com que vilas e povoados surgissem nesse espaço geográfico, gerando grandes modificações na vida dessas etnias. Pois nessas as regiões ribeirinhas, do Tapajós destacava-se a Aldeia de Uxituba, (Hoje Santarenzinho), que era habitada pelos indígenas Munduruku.

Antes de estabelecida a paz com os colonizadores, os Munduruku eram seus implacáveis inimigos e os enfrentavam com o destemor e a bravura que os distinguiam dos demais grupos amazônicos. Em muitos enfrentamentos, acabada a munição das forças governamentais, estas batiam em retirada uma vez que sem o poder que lhes ofereciam as armas de fogo os soldados se tornavam presas fáceis dos Munduruku. (ALMEIDA, 2012, p. 428).

Para Almeida (2012), na segunda metade do século XVIII, as notícias que iam aparecendo referente aos indígenas, foram relacionadas aos ataques as populações portuguesas. Mesmo que seu território tradicional fosse a Mundurukania, os guerreiros faziam grandes expedições de guerra, que ultrapassavam a leste o rio Xingu, chegando até as proximidades da capital paraense, Belém, capital do Pará. E tinham como meta de promover ataques a tribos rivais, assim como as não indígenas. Destacando que essas expedições eram chefiadas, cada uma, por dois guerreiros experientes, que debatiam estratégias de luta com outros chefes e com os índios mais velhos, que conheciam bem essas táticas de guerra.

Spix; Martius (1938) apud Almeida (2012) relatam que, em uma viagem ao Tapajós por volta de 1820 existiam aproximadamente de 18.000 a 40.000 mil indivíduos, que mantinham o hábito de perseguir seus rivais onde as tribos mais fracas eram as primeiras a serem exterminadas. Porém antes do acordo de paz os Munduruku deram muito trabalho aos colonizadores; as forças governamentais em muitos dos conflitos com os guerreiros se retiravam-se, devido a munição não ser suficiente, sem arma de fogo os soldados ficariam vulneráveis aos ataques.

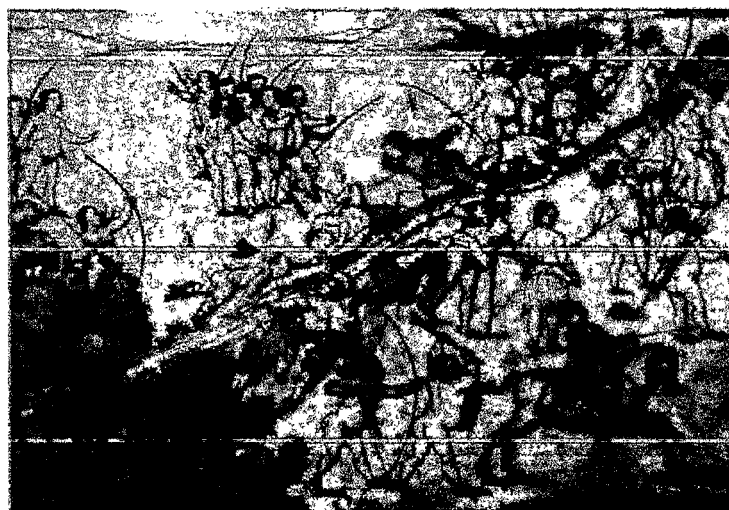


Figura 34 - Conflito entre os guerreiros.
Fonte: pib.socioambiental.org

Murphy (1954) apud Almeida (2012) destacam que, os combatentes atacavam através de um bloqueio à aldeia do adversário no decorrer da alvorada, cujos aldeamentos eram, então, atacados por flechas incendiárias atiradas pelos indígenas, Munduruku. Esses ataques ocorriam até o clarear do dia, com o incêndio das malocas dos inimigos por flechas de fogo. Em seguida sob gritos aterradores os guerreiros surgiam da floresta para o então ataque final; os inimigos tentando desesperadamente fugir de suas ocas em chamas eram facilmente capturados.

Em 1793 os Munduruku fizeram arrojadas campanhas guerreiras contra os povoados que se espalhavam ao longo dos rios Madeira, Tapajós, Xingu, Pacajás, Jacundá e Tocantins. Deslocando-se para leste, cruzaram ainda este último rio chegando às cabeceiras do rio Moju, cuja proximidade de Belém fez os habitantes desta cidade sentirem-se ameaçados. Atacaram, então, os povoados de Portel, Melgaço e Oeiras, cujos moradores só foram salvos pela chegada de uma expedição enviada do Governador do Pará que conseguiu expulsar os índios daquela área. (LEOPOLDI 2007, p. 178)

Segundo Almeida (2012), as expedições de guerra não ficavam apenas a cargo dos homens, embora que secundária a mulher Munduruku tinha um papel preponderante, eram responsáveis para cuidar da rede do guerreiro, preparar-lhe o *daú*, comida típica carregar mantimentos e depois preparar as cabeças conquistadas.

Para Almeida (2012), em consequências dos intensos ataques dessa tribo, foi gerada uma insegurança nas vilas da região e para solucionar o problema o governo decidiu mandar de tropas coloniais para a Amazônia, com intuito de perseguir, atacar e aprisionar os guerreiros Munduruku.

Com base no ponto de vista de Leopoldi (2007), no início o século XVII, a região da “Mundurucânia” já era alvo do processo exploratória dos colonos portugueses, sendo que, já estava ocorrendo o estabelecimento de algumas missões religiosas jesuíticas, que tinham como foco as ideias de “civilização”, que seriam pregadas através da religião e da mão de obra. Contudo, grande parte dos povos Munduruku habitava o interior da floresta, exercendo suas guerras tribais, contudo, eram eles, que o governo tinha o interesse de chamar a “civilização” e assentá-los em aldeamentos.



Figura 35 - Missão Jesuítica.
Fonte: www.portaldasmissoes.com.br

Leopoldi (2007) relata que, cerca de 500 soldados chegaram a vila de Santarém, no ano de 1794, e foram enviados Aldeias do Alto Tapajós, mas devido a um acordo de paz entre os indígenas Munduruku que residiam na região do rio Madeira com os colonos, as expedições de combate foi suspensa, o autor, ainda, destaca que alguns componentes das tribos haviam sido capturados por estratégia de militares e políticos da sede da capitania do Grão-Pará, durante o período de aprisionamento foram bem tratados pelos seus captores e em seguida soltos, levando consigo presentes para parentes e amigos.

Spix; Martius (1938) apud Almeida (2012) descreve que, em uma viagem ao Tapajós por volta de 1820 existiam aproximadamente de 18.000 ou até mesmo 40.000 indivíduos que mantinham o hábito de perseguir seus rivais onde as tribos mais fracas eram as primeiras a serem exterminadas. Porém antes do acordo de paz os

Munduruku deram muito trabalho aos colonizadores; as forças governamentais em muitos dos conflitos com os guerreiros se retiravam-se, devido a munição não ser suficiente, sem arma de fogo os soldados ficariam vulneráveis aos ataques.

Na organização da sociedade munduruku, a descendência é patrilinear, isto é, os filhos herdavam o clã do pai, sendo que a regra de moradia é matrilocal, condicionando o rapaz recém casado a passar a morar na casa do sogro, a quem deve prestar sua colaboração nas tarefas de fazer roças, pescar, caçar e todas as demais atividades relacionadas à manutenção da casa, incluindo acompanhar a família nos trabalhos de extração e coleta nos seringais e castanhais. Geralmente este período de moradia corresponde aos primeiros anos de casamento, até o nascimento do segundo filho; depois desta fase o marido providencia a construção da casa para sua família. (SANTOS, 2010, p.7).

De acordo com a citação de Almeida (2012), os exploradores reconhecendo a força e a capacidade bélica de seus rivais, os Munduruku, procuraram instaurar um vínculo pacífico entres ambos. Dessa forma, o poder guerreiro desses povos passou a ser aproveitado pelas tropas colonizadoras, com intuito de dominar outras tribos hostis ao domínio luso-brasileiro.



Figura 36 - exercito português.
Fonte: www.mapa.an.gov.br

Conforma Aires de Casal (1817), os Munduruku do Tapajós, motivados com a sucessão de ocorrências que tinham envolvido os outros indígenas da região do rio Madeira, decidiram também instituir relações pacíficas com aos moradores, fechando por fim um pacto de paz com os colonos.

De acordo com Santos (1995) apud Almeida (2012), “no século XIX, desenvolveram atitudes guerreiras mercenárias, além de exercerem o papel de perseguidores dos rebeldes cabanos, em especial na região da Mundurucânia”. Para Santos (1995) apud Almeida (2012), a aliança com os colonizadores possibilitou essa etnia obtivesse certa particularidade, competência tribal e o poder político dos seus caciques, alcançado um papel relevante que exerciam na guerra.

Atraídos, então, pela posse de bens (roupas, facas, machados, miçangas e os mais variados utensílios) que a economia indígena não produzia, bem como pela possibilidade de um relacionamento pacífico com os colonos, grupos de Munduruku se dirigiram à Barra do Rio Negro (hoje cidade de Manaus), tendo sido bem recebidos pela população, aliviada do temor que lhe causava a conhecida belicosidade dos índios Munduruku. (LEOPOLDI 2007, p. 179).

Santos (2010, p. 7) diz que, “A sociedade Munduruku dispõe de uma organização social baseada na existência de duas metades exogâmicas, que são identificadas como a metade vermelha e a metade branca”. Para Santos (2010), nos dias atuais são reconhecidos mais de 38 clãs e que se dividem em duas partes, de onde se originam não nas relações de parentesco como também, em diversos significados no relacionamento e no dia a dia da aldeia, se relacionando com o mundo da natureza e do sagrado.

Santos (2010, p. 6) destacam que, “A partir do século XIX, a expansão da economia extrativista consolidou a exploração da seringueira, dando origem ao chamado ciclo da borracha, inserindo a Amazônia no mercado internacional”. De acordo com Santos (2010), com esse expansionismo fez com que aumentasse o processo de ocupação pelo homem “branco” no alto Tapajós e outras áreas de concentração de exploração do látex. Visto que, no final do século XIX, houve uma migração acelerada da região nordestina brasileira para Amazônia. Contudo, esse quadro econômico provocou a invasão das terras indígenas e o constante deslocamento das sociedades nativas.

Santos (2010, p.5) afirma que, “Eles foram colocados em aldeamentos missionários, inseridos na exploração das chamadas “drogas do sertão” e continuaram guerreando contra etnias rivais e favorecendo os colonizadores”. Seguindo a análise de Santos (2010), fica explícito que pelo fato de os Munduruku migrarem nas grandes áreas que ocupavam, ficou mais fácil o contato com as frentes

que faziam o expansionismo, e em consequência disso, ocorreu o surgimento dos aspectos diferenciados da cultura entre essas etnias.

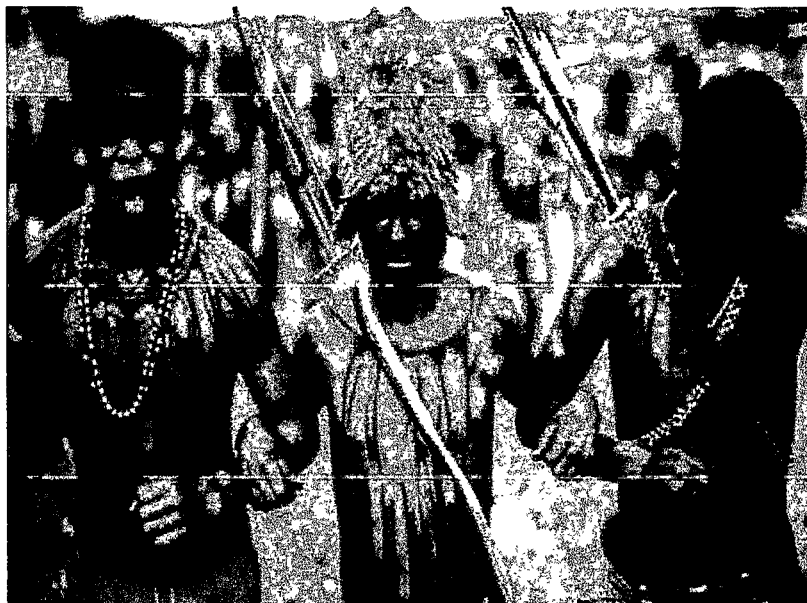


Figura 37 - Clã Munduruku.

Fonte: www.aalquimiadacura.blogspot.com

Santos (2010, p. 5) diz que, “A expansão territorial deste povo ocasionou diferentes história de contato, e, é mais bem compreendida na historiografia quando os Munduruku são representados como uma ação guerreira”. Para Santos (2010), fica claro que as expedições que iam do Rio Madeira ao Tocantins, tinham como propósito, dominar belicamente e culturalmente o Vale do Tapajós, no século XVIII.

Os Munduruku só foram vencidos pelos colonizadores após o envio de várias expedições e tropas de resgate organizadas pelos portugueses, em retaliação à resistência que os indígenas faziam através de ataques aos povoados, que finalizou com a adoção de uma relação supostamente amistosa que alguns estudiosos caracterizaram como “acordos de paz” entre chefes Munduruku e autoridades coloniais do interflúvio da região do baixo Madeira/Tapajós, ao final do século XVIII, a exemplo do apaziguamento das relações com os moradores da Vila de Santarém. (SANTOS 2010, p. 5).

De acordo com Almeida (2012), o que fica explícito é que os indígenas que habitavam a Região do Tapajós, também, passaram por grandes transformações, a partir da invasão dos europeus em suas terras. E com as tribos Munduruku não foi diferente, pois o processo de colonização na Região do Tapajós a partir desse encontro transformou as terras indígenas em territórios europeus. Sendo que, essas colônias se constituíram em instrumentos de poder dos reis e, contribuíram para a

consolidação de um Estado forte, centralizador e burocrático, em comum, acordo com os burgueses no mundo moderno, transformando as novas terras encontradas em suas propriedades, ou seja, os europeus tornaram-se donos absolutos de todo Continente americano.

4.1.2 Os aspectos Culturais dos Munduruku

Laraia (1996, p. 24) diz que, "A posição da moderna antropologia é que a cultura age seletivamente, e não casualmente, sobre o seu meio ambiente, explorando determinadas possibilidades e limites ao desenvolvimento". Para Laraia (1996), a razão eficaz está na própria cultura e no contexto histórico da própria cultura. Apesar da evolução do conceito de cultura demonstrar que as questões biológicas e geográficas não interferem nas ações humanas, ainda existe alguns resquícios no que diz respeito às questões referentes a supremacia de raça e da melhor localização geográfica.



Figura 38 - Indígenas Brasileiros.
Fonte: www.povosindigenas.blogspot.com

Segundo Laraia (1996), a assimilação das ações culturais das sociedades nativas requer que se veja não apenas os hábitos, como também as mudanças que ocorreram ao longo da história dessas civilizações. Contudo, não se pode negar, que a reapresentação de seus hábitos acrescentasse a ideia de concepção sociável, de forma que contenha a perspectiva de transformação. Dessa forma, vai se além da

hipótese de que essas comunidades usufruem, em todas as suas particularidades, com o propósito único com a imortalização e perpetuação da sua cultura.

O estudo das sociedades "primitivas" era feito tendo por base documentos escritos, onde havia o relato dos costumes, mitos, objetos utilizados pelos "selvagens" etc. Através da utilização do método comparativo, os antropólogos analisaram essas sociedades, guiados pela idéia de progresso. Esse método recebeu vários ataques, sendo Franz Boas o seu principal crítico. Uma das críticas dizia respeito ao fato de os elementos culturais serem analisados fora do seu contexto: a partir de uma parcela mínima da cultura inferia-se sobre a totalidade. (LARAIA, 1996, p.24).

Para Andrade (2007), a palavra Cultura abrange as mais diversas formas de expressões e são definidos pelas características, os conhecimentos, o modo de vida e, em especial, os costumes e as crenças de determinado grupo. O que devemos considerar é que a Cultura definir uma sociedade na sua essência, e, dessa forma, não existe uma cultura superior ou inferior a outra, pois cada uma tem o tempo e o espaço em que foi formada por uma determinada sociedade.



Figura 39 - Guerreiro Munduruku.
Fonte: aipariri.org

Com base na pesquisa de Santos (2010), fica evidente que os traços culturais dos Mundurucu eram de uma grandeza extraordinária, pois incluíam um repertório de canções tradicionais de musicalidade e poesia incomum, que descreve mas relações do cotidiano como, exemplo, frutos, animais, florestas, entre outros. Santos (2010, p.11) diz que, "A cosmologia apresenta narrativas que inclui conhecimentos dos

astros, constelações e da Via Láctea, chamada kabikodepu, em que são identificadas as estrelas que a compõe”.

De acordo com Santos (2010), existem, também, os artesanatos, e as pinturas corporais que retratam a grandiosidade desse trabalho. Esses traços culturais também são representados pelas comemorações como a prática de cortar e mumificar as cabeças dos guerreiros rivais.

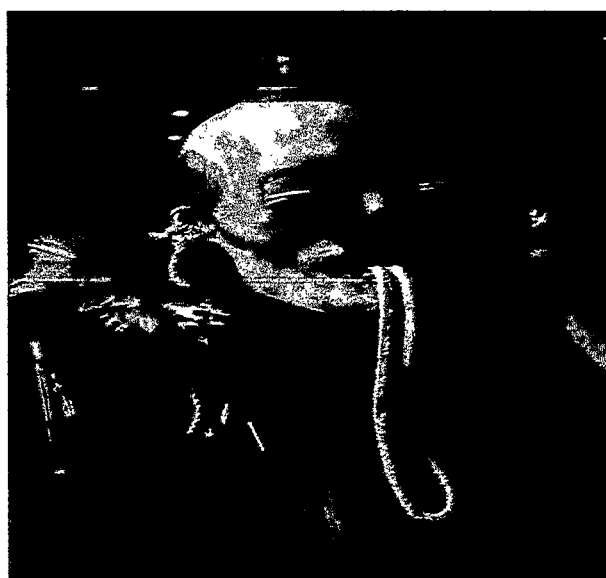


Figura 40 - Cabeça Troféu
Fonte: www.g1.Globo.com

Segundo Menéndez (1992) apud Souza Martins (2004), entre os principais fatores que formam os traços culturais da etnia Mundurku, estava a de caçar e mumificar as cabeças de seus inimigos. Essas ações eram realizadas durante as longas campanhas de guerra, contra tribos rivais. Destacando que as guerras instituem um padrão cultural já presente antes do encontro com os colonizadores, participavam dessas lutas, os homens e as mulheres.

Segundo Menéndez (1992) apud Souza Martins (2004), entre os principais fatores que formam os traços culturais da etnia Mundurku, estava a de caçar e mumificar as cabeças de seus inimigos. Essas ações eram realizadas durante as longas campanhas de guerra, contra tribos rivais. Destacando que as guerras instituem um padrão cultural já presente antes do encontro com os colonizadores, participavam dessas lutas, os homens e as mulheres.

Ainda comungando com Menéndez (1992) apud Souza Martins (2004) que, apontam que essas expedições de guerra ocorriam no início do verão e terminavam

durante o inverno. Antes dos conflitos, era realizado um ritual de ataque, uma trombeta de guerra acompanhava a cada expedição sob a guarda de dois homens que orientados pelos líderes, davam o sinal de ataque.

A primeira festa realizada em função das cabeças dizia respeito ao valente guerreiro vencedor e, a segunda, à confecção da cinta de algodão ornada com os dentes retirados da cabeça inimiga, fabricada no ano seguinte ao da caça, distinguindo aqueles que, embora vencedores tivessem ficado feridos ou falecido em combate representado, neste caso, pelas suas viúvas. O portador do pariua-á (cabeça troféu) tinha privilégios que duravam cinco anos, isto é, o tempo estimado entre a guerra e a festa do pariuate-ran (inimigo-cinta). Nesta festa, a caçada era revivida e pessoas de clãs opostos ao do matador simulavam os inimigos, inclusive usando os seus cortes de cabelo. (SOUZA E MARTINS 2004, p.163).

Para Almeida (2012), os homens adultos eram todos mortos, já as mulheres e crianças eram levados aldeias onde se casaria com os Munduruku e, as crianças seriam adotadas. Almeida (2012, p. 425) afirma que, "As cabeças dos homens eram decepadas, preparadas por um processo que ficou conhecido como mumificação depois mantidos como troféu de inestimável valia para os Munduruku".

Sousa (2017) diz que, era muito importante para os povos, Munduruku, o ritual de mumificação das cabeças do inimigo, pois eles acreditavam que o espírito dos guerreiros abatidos seriam um dos elementos fundamentais para a sobrevivência da própria tribo. A cabeça representava o feito máximo a qualquer homem, um grande orgulho ao seu dono, ela era colocada em uma estaca e se tornava um elemento central de várias festividades e celebrações, ou seja, a cabeça se tornava um valioso troféu.

Para Sousa (2017), a cultura Munduruku dar um grande destaque a música e a dança, pois elas têm papéis fundamentais nos aspectos sociais dessa etnia. Sendo que, é por meio dela que ocorrem as manifestações sentimentais, que são inspiradas por meio da fauna, da flora e dos seres místicos. Como de praxe, estão presentes nos seus hábitos, nos rituais e crenças. Pois, por meio do canto e da dança comemoram o dom da vida.

De acordo com Nascimento (2016), a dança entre os povos indígenas já existia, bem antes da chegada da cultura ocidental, embora fossem hostilizados por frentes religiosas como algo negativo não sendo permitida sua realização. Algumas etnias conseguiram manter suas tradições vivas. A dança e o canto são diferentes entre os

grupos étnicos, as coreografias e ritmos tornam-se uma manifestação da identidade de cada povo.

Nascimento (2016, p. 5) destaca que, "A dança é uma forma de educar na sociedade indígena, é uma maneira de formação do sujeito social e cultural, e são os orientadores no processo de aprendizagem das novas gerações". Para Nascimento (20016) o aprendizado seja eles pela oralidade e por ações são de suma importância para que os mais novos entendam a ligação entre corpo e desse modo é entendido como suporte da cultura, é o corpo que se movimenta, utiliza adereços, pinta-se, canta, é o corpo vivendo a cultura.



Figura 41 - Dança Munduruku.
Fonte: www.theintervet.com

Segundo Nascimento (2014), os Munduruku, também, praticam a arte da pintura corporal, e durante seus rituais pintam seus corpos com tinta extraída do jenipapo e do urucum, usam adornos confeccionados com sementes, penas de pássaros e dentes de animais silvestres, utilizam, tornozeleiras, braceletes, colares, as mulheres usam saias feitas de uma palha chamada invira, os homens utilizam arco e flecha e um cocar em forma de capacete.

A pintura corporal tem grande importância e seu significado é muito amplo, podendo ir da simples expressão de beleza e erotismo à indicação de preparação para guerra ou proteger o corpo de raios solares e picadas de insetos, a ornamentação corporal é como se fosse uma segunda pele do indivíduo: a social em substituição à biológica. (NASCIMENTO 2016, p 9)

Para Ribeiro (1970), umas das características que mais marcam a cultura indígena é a pintura corporal que pode ter os mais diversos significados dentro de

cada grupo. Podendo determinar cada função de cada um dentro da aldeia, estado civil ou simplesmente como uma espécie de roupa para determinada festividade ou ritual.



Figura 42 - Pintura corporal Munduruku.
Fonte: www.ivanioalencar.blogspot.com

De acordo com Sousa (2017), a arte indígena é muito rica e variada, cada povo tem suas tradições culturais próprias, e sua própria história, além de possuir práticas e conhecimentos únicos que são refletidos através de suas artes. Darcy Ribeiro (1999, p 67) diz que, "A verdadeira função que os índios esperam de tudo que fazem é a beleza. Incidentalmente, suas belas flechas e sua preciosa cerâmica têm um valor de utilidade". Para o autor sua função real, vale dizer, sua forma de contribuir para a harmonia da vida coletiva e para expressão de sua cultura, é criar beleza.

Do meio de uma espádua até a outra, correm sobre o peito duas ou três linhas, separadas meia polegada uma de outra, até ao fim do peito, se acham desenhos romboidais verticais, ora cheios, ora vazios. O resto do tronco é riscado com linhas paralelas ou formando redes. As costas são igualmente tatuadas, porém menos completamente, e nas extremidades repete-se a série de linhas, com ou sem rombos. Nas mulheres, é raro ver-se o rosto todo enegrecido, a malha que elas trazem tem forma de lua crescente, de pontos voltados para cima. (BEZERRA 2011, p. 26).

Segundo Bezerra (2011), tradicionalmente só quando a criança completava 8 anos era permitido tatuar o seu corpo. Toda tarefa era executada através de um dente

afiado de cutia, destacando, que os traços eram desenhados sob pontos vermelhos de sangue, daí se aplicava o suco do jenipapo de cor azul escuro, que penetrava na pele. Era comum o corpo ficar com feridas, que inflamavam, causando febre. Devido essas problemáticas, as tatuagens só eram executadas no inverno.

Para Coudreau (1977), quando os nativos Munduruku encontram longe de suas aldeias, no meio da floresta ou navegando nos rios, podem-se reconhecer facilmente pelos uniformes, tatuagens e pinturas, o brasão nacional da tribo. A pintura dos mundurucus não é coisa de pouca importância. Como relata Coudreau (1977, p.109), "Trata-se de desenhos traçados com extrema habilidade pelas mãos de consumados artistas".



Figura 43 - Munduruku tatuada.
Fonte: www.pt.Freeimagens.com

Para Sousa (2017), atualmente, as tatuagens foram substituídas por pinturas corporais, mas elas ainda têm grandes importância e significados para este povo. Existem pinturas tradicionais de festas, assim como as de guerra, onde não são utilizados os traçados geométricos, mas pintam-se totalmente da tinta do jenipapo; quando se tingem de vermelho vão para atacar; nos dias de hoje, isso ocorre quando estão pressionando ou cobram algo das autoridades. Há vários tipos de pinturas, tanto

para homens quanto para as mulheres. As mais utilizadas é a do jabuti, que significa inteligência e a da cobra, que significa força.

Scholothauer (2002, p. 7) afirma que, “Uma das artes produzidas pelos Munduruku que se destacaram na Europa, consequência da sua qualidade e beleza devido foi a plumária”. Segundo o autor o fator predominante para esse reconhecimento foi a exposição realizada nas cidades de Berlim e Viena na década de 1820.

Comungando com Scholothauer (2002), os cocares eram produzidos com penas de arara, papagaio, mutum e de outras aves silvestres, tiaras e cintos de entrecasca da árvore tauari ou da palmeira chamada invira onde, também, é retirada a matéria prima para confeccionar as saias tradicionais das mulheres Munduruku. Os colares e pulseiras são feitos com sementes miçangas e casacas de frutas como a de coco que pode ser moldado em formas de animais o jabuti, macaco peixes são os mais comuns.



Figura 44 - Cocar Munduruku.
Fonte: www.museunacional.ufrj.br

Seguindo a linha de pesquisa de Sousa (2017), faz parte da sociedade feminina Munduruku, o costume de usar brincos de penas, pequenos colares, pulseiras além de enfeites feitos de penas coloridas nos cabelos. Os homens utilizam pulseira e dois grandes colares entrelaçado formando um x no peito, além de um cocar bem diferente

das outras tribos indígenas, mais parecido com um capacete feito de penas umas bem pequenas outras longas na parte traseira o que chama bastante atenção.



Figura 45 - Munduruku em trajes tradicionais.
Fonte: semaiassuntosindigenas.blogspot

Souza (2017), ainda disserta sobre como são confeccionados os arcos e flechas: que são fabricados usando a madeira, e depois enfeitados com palhas e penas de aves variadas. As cestarias também fazem parte do cotidiano desses povos, e são feitos com palhas de coqueiro ou açá, e destacando que essas tarefas são executadas exclusivamente pelos homens e meninos. Embarcações também são produzidas para a pesca e deslocamento das aldeias.

Os ornamentos usados nos pulsos e nos tornozelos são feitos com fibras de cipó e tingidos com urucum. Os cordões usados no cabelo e no pescoço, habilmente manufaturados, são tecidos de algodão. Nos ouvidos eles estão usando pequenos tubos de casca de árvore. Os adornos da perna também são de algodão. O colar é composto de garras secas decoradas com feixes de algodão. Seus ornamentos plumários são montados como obras de arte e têm cores radiantes. Para essa finalidade eles utilizam muito bem penas coloridas de araras azuis, amarelas, vermelhas e roxas. (SCHLOTHAUER 2002, p. 7).

De acordo com Schlothauer (2002), outro costume que faz parte do dia a dia das mulheres e a tipoia que serve para carregar as crianças, também ajuda a carregar os cestos nas cabeças ou nas costas. Ela é produzida com as cascas das árvores, sendo que, uma tem um tom avermelhado que é utilizado pelas mulheres da metade do clã velho, outra tem uma cor mais clara utilizada pelas mulheres da metade branca, desta

forma é possível identificar o clã o qual a mulher pertence apenas pela cor do apoio onde carrega a sua criança.

4.1.3 A luta dos povos Munduruku pela preservação de suas memórias

De acordo com Ribeiro (1970), e de suma importância a conscientização de uma população a respeito da preservação de seu patrimônio histórico e cultural. Uma vez que, resgata e mantém viva memória dos seus ancestrais. Apesar disso, a preservação de documentos, monumentos e a história oral, padecem com o desprezo da sociedade e do governo. E isso fica visível quando se trata do contexto cultural das etnias indígenas, contudo, apesar desses fatos, essa civilização luta para manter viva a sua memória e preservar suas raízes.



Figura 46 – Ritual Munduruku.

. Fonte: <https://www.bing.com/images/search>

Para Sousa (2008), a partir dos primeiros contatos com os colonizadores os munduruku vem sofrendo grandes modificações em no seu modo de vida, contudo, as relações entre essas duas sociedades foram politicamente tensas e conflituosas. As consequências desses contatos são observadas pelas alterações que ocorreram na estrutura dessa etnia, temos como exemplo, o surgimento de mestiços, não falantes da língua materna, número de casamentos com não-índiose pela conversão do cristianismo. Sousa (2008, p. 7) diz que, "Essa situação pode resultar na

desestruturação dos indígenas; mas, também, em resistência, com a continuidade dos padrões nativos; ou, ainda, em outros padrões de acomodação”.

Essa situação de contato entre essas duas sociedades reflete-se em conflitos no interior das aldeias Mundurukú. Isso leva as lideranças indígenas a montarem estratégias de contraposição ao processo oriundo dessa problemática de contato, que propicia assimilação de ideias e comportamentos da sociedade não-índia, que se manifesta, principalmente, nos membros da classe de idade jovem residente nessas aldeias. (SOUSA 2008, p. 7).

Comungando com Sousa (2008), os povos Munduruku tem lutado para manter viva a sua identidade, através dos seus mitos, símbolos, ritos e crenças. Mesmo com todo o processo de aculturação instalado a partir da chegada dos colonizadores europeus e, se concretizando com a chegada dos missionários católicos na Região do Tapajós, a partir do século XIX. Mesmo, como o processo de globalização, e mesmo não sendo uma tarefa fácil, essa sociedade tem conseguido, a todo custo, preservar suas raízes e tradições.



Figura 47 – Ritual Munduruku.
Fonte: www.bing.com/images/search

Sobre o processo de aculturação ele se inicia com a chegada dos missionários como diz Collevatti (2009, p. 636), “Os missionários franciscanos voltaram à ativa, em 1803 com a fundação da Missão de Santa Cruz. Em 1819 a fundação da Missão de Monte Carmelo, Em 1872 e Bacabal pelos capuchinhos”.

Segundo Santin (2011), “a presença missionária franciscana entre os Munduruku teve início em 1908, quando os freis Hugo Mense, Luís Wand e Crisóstomo Adams iniciaram as viagens de exploração ao Alto Tapajós”. A convivência entre os padres e os “silvícolas”, como eram chamados pelos

franciscanos era pacífica e extremamente “útil”, já que, desde o início, os missionários procuraram conhecer a vida, os costumes e, principalmente, a língua dos Munduruku.

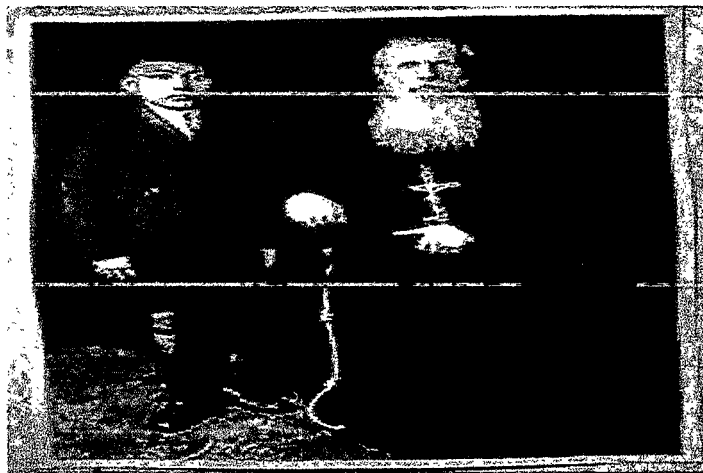


Figura 48 - Frei. Hugo Mensecom João Huacu - apóm.
Fonte: <http://paulosuess.blogspot.com.br>

Santin (2011) descreve que, o contato dos nativos com as missões e os comerciantes dos regatões fez com que essa civilização tivesse contatos com o cristianismo e, ao mesmo tempo, começaram a incorporar entre a sua alimentação e ferramentas e armamentos os produtos consumidos pelo homem branco. E isso, de certa forma, foi fazendo com que ocorresse um lento e gradual processo de aculturação, dessa forma, essa civilização iam deixando de lado os seus traços culturais.

Outra etapa que também imprimiu o ritmo da Missão previa os trabalhos ao redor da roça e das duas escolas indígenas. No que se referia às roças, o trabalho era feito pelos padres, com o auxílio daqueles índios que haviam se transferido para a Missão: os rapazes, que frequentavam o colégio, e os Munduruku adultos ajudavam na derrubada da mata, enquanto as mulheres e meninas do colégio ajudavam no plantio de mandioca, milho, arroz, macaxeira e frutas como melancia e bananas, entre outras, sob a supervisão das irmãs. (COLLEVATT, 2009 p. 636).

Segundo Santin (2011), convivência entre os indígenas e os padres, foi marcada pela dinâmica dos favores e pela colaboração dos índios relacionadas às atividades da Missão, fez que com isso adquirisse um sinal positivo entre os franciscanos, sendo considerado como parte do sucesso do empreendimento missionário na área assim como disseminar a pregação católica.

De acordo com Collevatti (2009), O xamanismo colocava um dilema para os missionários, pois as pessoas que faziam o uso de “feitiçaria” eram castigadas abertamente para servir exemplo, no entanto os padres também faziam uso do conhecimento dos pajés no tratamento de pequenos acidentes. “Os missionários se beneficiavam das habilidades desses especialistas nos procedimentos de cura que diziam respeito ao conhecimento do corpo, mas puniam aquelas práticas que se situavam no campo identificado, pelos padres, como pertencente à feitiçaria”.



Figura 49 – Ritual Xamamismo indígena
Fonte: <https://www.bing.com/images/searc>.

Segundo Bemiwa (2006), além da religião crista, outro meio usado pelos padres para mudar a cultura indígena, nas missões, foi a educação escolar. Pois, as mesmas, eram voltadas para o ensino das disciplinas de português e matemática e religiosa. Ainda participava dessas mudanças no cotidiano dessa civilização, as irmãs religiosas, pois, elas ensinavam as meninas nas tarefas domésticas, como exemplo, cozinhar e costurar, e a ficavam padres instruíam os meninos as técnicas voltadas para a agricultura. Nas doutrinações religiosas, todos aprendiam as principais orações, como o Pai Nosso e a Ave Maria, além das “verdades religiosas” sobre Deus e Jesus Cristo, em português e Munduruku.

Para Moraes (2013), fica claro que o objetivo dos missionários era inserir os nativos ao trabalho com a agricultura e na extração da borracha através da catequese e essas ações transformou-se uma condição de intermediações das negociações entre padres e os gatões, posteriormente, foram estabelecidas somente com os comerciantes das cidades; desta maneira, os regatões ficaram fora das negociações, o que gerou muitos conflitos.

Seguindo a linha de pesquisa de Sousa (2017), mesmo como a influência e imposição do homem “branco” na cultura Munduruku, durante o processo de aculturação, eles ainda resguardaram parte de seus costumes, como os seus principais meios de produção alimentícia, que até aos dias atuais são realizados por meio da pesca, da caça e da roça. Destacando, que a pesca é papel exclusivamente masculino.



Figura 50 - Crisma Munduruku.
Fonte: Carmelita.com

Para Sousa (2017), esses ensinamentos são repassados aos meninos por volta de dois anos de idade, pois os mesmos já acompanham seus pais nas pescarias. Tradicionalmente em algumas aldeias ainda é utilizado o timbó uma espécie de veneno retirado de algumas plantas que ao ser colocado em um lago é capaz de paralisar e sufocar os peixes facilitando sua captura.

Era utilizado principalmente nos períodos da “tinguejada” um evento tradicional realizado durante uma semana por ano, geralmente no mês de setembro, onde os moradores de várias aldeias se reuniam para celebrar o acontecimento. O objetivo da tinguejada era garantir grande quantidade de alimentos, os indígenas expõem que clãs brancos e vermelhos costumavam se pintar mutuamente com o timbó, o que gerava uma brincadeira e muita diversão. (Sousa 2017, p.101).

Para FUNAI (2008), outra tradição que, também, se destaca como prática tradicional, e a pesca de timbó, visto que, a mesma está desaparecendo do cotidiano de algumas aldeias, ela é realizada da seguinte maneira: os pescadores adultos e crianças permanecem em canoas e em pé nos locais rasos, à espera da passagem dos peixes entorpecidos e são capturados através das zagaias, puças e até com as

mãos. FUNAI (2008, p.122) diz que, "Um outro meio e o suco do timbó é a rapidez com que a planta age. Os indígenas relatam que "uma vez brocados de fome" preferem utilizar o timbó, para pescar os peixes mais rapidamente.

Para Sousa (2008), outro meio de sobreviver praticado pelos Munduruku, além grande valor simbólico é uma atividade complexa que envolve uma série de preceitos e conhecimentos tradicionais, próprias da cultura Munduruku, e a prática de caçar, e se destaca como uma tarefa quase que exclusivamente executada pelos homens; os meninos desde a mais terna idade aprendem brincando as técnicas de arcos, flechas e lança.

Comungando com Sousa (2008), há uma adaptação dos costumes tradicionais ao modo de vida atual, como o consumo de produtos industrializados e tecnológicos, havendo, assim, a inserção na sociedade capitalista o que, de certa forma, tornando-os mais individualistas. Isso demonstra que esses indígenas estão partilhando de um sistema de valores totalmente diferente de suas tradições originais, primitivas. Sousa (2017, p.110) diz que, "É preciso levar em consideração presença de não índios dentro da aldeia, decorrente de casamentos de indígenas com "pariwat". Ficando impossível manter os padrões culturais dessa sociedade.

Costa (2008) destaca que, nos dias atuais a cultura Munduruku e de suma importância para os indígenas a figura do pajé, mesmo, após, a introdução do cristianismo que levou ao enfraquecimento do sistema religioso-cultural. O pajé ainda é responsável pela saúde da comunidade, não apenas dos moradores que encontram-se doentes e mantê-los protegidos de ameaças externas assim como de pajés brabos que poderiam os causar o "caoxi", um feitiço que deixa a pessoa enferma tendo uma motivação sobrenatural.

Ao empregarmos o termo "sistema de cura e cuidados", pretendemos apontar algumas características bastante marcantes do sistema de saúde Mundurukú, que são: a relação saúde física e espiritual (relação medicina / religião); a atenção às diferentes formas de se chegar a uma cura, seja ela de natureza unicamente física ou física e xamânicas. (COSTA 2008, p. 73).

Segundo Costa (2008), na tradição Munduruku, o pajé é responsável por tratar as doenças do espírito, nas aldeias mais tradicionais ele ainda tem um papel fundamental. Pois, ele cuida dos doentes e é capaz de curar através, benzenção, e usa remédios da mata. Costa (2008, p. 2008), "As mulheres indígenas, em especial,

as mais velhas, possuem um grande conhecimento sobre remédios tradicionais, capazes de curar, desde uma dor de barriga a doenças mais serias”.

Para Sousa (2017), outra tradição milenar praticadas pelas mulheres Munduruku e o de parteiras, elas são responsáveis por preparar a futura mãe para dar a luz, cuidar do parto e do pós parto, ainda oferecer assistência e primeiros cuidados ao recém-nascido, normalmente essa pratica é repassada de mãe para filhas, mas qualquer um pode aprender essa técnica.

Sua responsabilidade é com a saúde tanto da parturiente como do recém-nascido e, normalmente, começa com os cuidados e tratamentos que visam preparar a mãe para o parto, como a indicação de terapicos que auxiliem a dilatação da mãe e a passagem do bebê; incluem os cuidados para um parto saudável, que maximizem as condições de saúde para mãe e filho; e se estendem ao pós-parto. Em geral, elas, assim como outras senhoras, têm algum conhecimento sobre remédios naturais para cuidar das crianças, apenas das mazelas físicas, pois as parteiras não possuem a visão espiritual que os pajés têm. (SANTOS 2013: 82).

Ainda também ainda existem os famosos puxadores dentro da aldeia, como diz Sousa (2017, p. 115), “Seu papel é recolocar ossos deslocados em seus lugares, estes possuem conhecimento sobre os ossos. Assim como pajés, as pessoas que exercem esta atividade já nascem com esse dom”. Segundo Sousa (2017) e que, normalmente, os saberes indígenas são revelados através de sonhos, normalmente esse dom é passado de pai para filho. Os puxadores exercem um papel fundamental dentro das aldeias além de tratar de torções e lesões. Podem exercer funções parecidas com a do pajé, o substituindo quando esse não este presente na aldeia.

De acordo com a FUNAI (2008), com a implantação de postos de saúde nas aldeias, ficou mais fácil o tratamento de doenças do branco, em casos mais graves há remoção dos pacientes de avião, carro ou voadeira, com remédios e instrumentos essenciais. E há ainda agentes de saúde que fazem os acompanhamentos na comunidade, cada pólo conta com um auxiliar de enfermagem responsável pelos atendimentos e diagnósticos mais simples, laboratorista, agentes indígenas de saúde – AIS - e agentes comunitários de saneamento – ACS. Em casos mais graves é providenciada a remoção do paciente da aldeia.

Contudo, os Munduruku não abrem mão Fo uso da pajelância, como acrescenta Sousa (2017), às doenças mais simples, como dor de cabeça, de barriga dentre outras menos graves são tratadas com remédios tradicionais, como o chá ou banho de ervas. Além do pajé na aldeia também moram parteiras e puxadores que

tratam das grávidas, de torções e doenças que segundo a tradição Munduruku são de espírito.

Ainda com base na pesquisa de Sousa (2008), Tradicionalmente os Munduruku são divididos em duas metades, a branca e a vermelha, essas metades são subdivididas em clãs. Esse sistema é responsável pela manutenção do parentesco organização social e política nas aldeias, devido cada pessoa pertencente a um clã só pode casar-se com uma pessoa do clã oposto.

Para Sousa (2008), os nomes dos clãs correspondem a elementos da natureza, como árvores, pássaros, frutos e mamíferos, e que fazem parte da rica cosmologia dos Mundurukú, estando muitas vezes presentes nas narrações e canções tradicionais que explicam o mundo e as relações dos homens dentro dele. Os clãs não podem ser considerados como categorias de parentesco, mas sim categorias cosmológicas partes integrantes de um sistema mítico relacionado à criação do mundo e a seu modelo.



Figura 51 - Família Munduruku.
Fonte: Greepace

Coudreau (1977, p.112) diz que, “O casamento não é um objeto de rituais, porém é considerado um ato de passagem para os Munduruku, quando eles casam passa a ter outro status, sendo respeitado como adulto pelos mais velhos”. Contudo, era tradição a menina receberem um noivo escolhido por seus pais, o marido na maioria das vezes mais velho, a fim de poder-lhe proporcionar alimento para sustento.

Em relação aos povos indígenas, Beniwa (2006) diz que, a educação pode incluir duas vertentes. A educação indígena que é a transmissão e produção dos conhecimentos tradicionais de cada povo, e a escolar indígena que é o processo de

transmissão e produção de conhecimentos indígenas e não-indígenas por meio de escola, que proporciona o acesso a outros conhecimentos universais, necessários e almejáveis, proporcionando relações socioculturais e contato com a sociedade global.

Ao contrário do que muita gente pensa, os povos indígenas do Brasil continuam mantendo sua alteridade graças a estratégias próprias de vivência sociocultural, sendo a prática pedagógica uma delas. As formas de educação que desenvolvem lhes permitem continuar a ser eles mesmos e transmitir suas culturas através das gerações. Subsiste uma variedade de povos indígenas com suas línguas e culturas; às vezes, sem suas línguas, mas com culturas e saberes próprios. (BENIWA 2006: 130)

Segundo Beniwa (2006), embora os contatos entre Munduruku e os não indígenas sejam cotidianos, pois, ambos frequentam, na maioria das vezes, as mesmas escolas, posto de saúde e logradouros públicos, e comum que algumas mudanças, de fato, tem ocorrido na estrutura cultural Munduruku, aliadas as dificuldades e o esquecimento pelas autoridades, ainda há preservação de alguns elementos tradicionais dos Munduruku, mantidos a partir da residência de algumas lideranças da aldeia.

Para Sousa (2008), a escola bilíngue surgiu com o intuito de resgatar e preservar a cultura. E ela tem como metas o ensino a língua Mundurukú para crianças e a todos os integrantes da aldeia, que não falem fluentemente a língua materna, permitindo, assim, que o idioma nativo não desapareça, e principalmente, manter viva as suas raízes e memórias, sendo assim, irar fortalecer sua identidade étnica, através dos ensinamentos tradicionais.

De acordo com Beniwa (2006), com todo processo tecnológico que, hoje, faz parte do cotidiano dos indígenas, Muduruku, ainda há uma grande preocupação e cuidado por parte dos membros mais velhos, dessa etnia, em manter viva sua história, memória e tradição. Pois, mesmos que estejam buscando aprimorar seus conhecimentos, através de estudos e outros meios, eles sabem que o conhecimento científico não pode preponderar sobre a sua cultura, repassada de geração a geração,

Ainda baseado nas idéias de Beniwa (2010), esse povo guerreiro, continua lutando através de suas manifestações, conflitos e resistências contra a imposição do homem "branco". Por fim, eles têm plena consciência que somente a memória e a única forma deles garantirem que os acontecimentos do passado sejam o meio de informação para a sociedade futura de forma coerente e verdadeira.

5 CONCLUSÃO

A presente Monografia analisou os aspectos culturais da etnia Munduruku desde os primórdios até aos dias atuais, para mostrar a sociedade, atual a importância que esses povos tiveram na formação do Brasil e, especialmente, na Região Tapajônica, através da sua luta, mão de obras e seus ensinamentos, que ainda são repassados de geração em geração.

A realização dessa pesquisa partiu por motivação acadêmica e pessoal pelo fato da pesquisadora ser uma descendente Munduruku, etnia da qual ela tem muita estima, respeito e orgulho, além da preocupação com a causa indígena, levando-se em consideração seus costumes, quanto por suas tradições e saberes, repassados durante gerações.

Objetivando analisar de forma mais criteriosa a problemática do tema em questão, percebeu-se a necessidade de realizar um estudo embasado em autores de renome na área como: Almeida (2012), Beniwa (2006), Ribeiro (1992), Bergamaschi (2012), entre outros, que deram fundamentos a pesquisa e que foram de suma importância para complementar o estudo, visto que, permitiu descobrir as dúvidas e antagonismos sobre os aspectos culturais da etnia indígena.

A metodologia desenvolvida nesse trabalho foi à bibliográfica com base na Micro História, que é de suma importância quando se realiza a pesquisa qualitativa. Vale ressaltar que o uso de métodos é importante quando se elabora estudos sobre os fenômenos sociais. Sendo assim, as etapas analisadas discorrem sobre a problemática de forma clara, precisa e com responsabilidade, que foi um dos elementos indispensável para o sucesso da pesquisa.

Esse estudo destaca a importância de mostrar que mesmo que a maioria desses grupos indígenas, embora, tenha passado por uma fase de descaracterização cultural no decorrer da história, ainda conservam os elementos simbólicos e sagrados que lhes dão especificidades em relação à cultura nacional. Levando em consideração, que esses povos ainda mantêm sua organização social baseada em núcleos familiares, seguindo uma linhagem de descendências, de resistências, de parentesco e matrimônio. Sendo assim, a elaboração dessa pesquisa significou muito mais do que um simples exercício de pesquisa científica, tornando-se um verdadeiro trabalho de valorização da cidadania e da diversidade cultural de uma etnia.

O que se espera dessa Monografia é levar o leitor a refletir e analisar a historiografia indígena e mostrar a sua importância para a sociedade como um todo. Além de chamar a sua atenção para a necessidade de valorizar, preservar e resgatar suas memórias e raízes. Esse estudo, também, visa esclarecer os problemas que os povos Munduruku enfrentaram em todo processo de colonização européia, até os dias atuais. Fica evidente que é necessário compreender que os seus costumes na atualidade, já não são mais os mesmos do passado, em algumas sociedades indígenas. Em suma, pesquisar, registrar e documentar a nossa história e cultura nas suas mais diversas formas de expressões foi de grande importância para a conservação da identidade do nosso Patrimônio Cultural, dessa forma, a pesquisa em questão alcançou os objetivos propostos no início do trabalho.

Portanto, esta pesquisa abrangeu, entre outros assuntos, a historiografia das sociedades indígenas desde sua origem até a chegada dos europeus, quando ocorreu um processo de aculturação e de escravidão realizado pelos colonizadores, acarretando num genocídio sem limites, ocorrido através da cruz, da espada, das doenças trazidas pelos europeus, além do choque entre as duas culturas tão distintas entre si. A pesquisa também analisou de forma criteriosa as etnias que habitavam o Brasil antes e depois da chegada dos estrangeiros, dando ênfase aos povos Munduruku.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, V. **História Oral: experiência do CPDC**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMEIDA, Djalmira de Sá: **História do município de Itaituba: Importância econômica e geopolítica na Amazônia Legal, na mesorregião do Tapajós e no Estado do Para** 1ed. Curitiba, PR: CVR, 2012.

AMORIM, Antonia Terezinha dos Santos. **Santarém suas Histórias e suas Belezas**. 1. Ed. Belém: Samauma Editorial, 2013.

ANDRADE, Mário. **discurso sobre a diversidade cultural**. departamento da cultura de São Paulo 7 ED. São Paulo: ATLAS, 2003.

BENIWA, Luciano Gersen dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje** -Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BEZERRA, Adriana Moraes. **Os Aspectos Religiosos da Tribo dos Mundurucus**. 2011. https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20978/20978_8.PDF · Arquivo PDFaceso no dia 25/ 19/ 2019

BERGAMASHI, Maria Aparecida et al (Org). **Povos Indígenas & Educação**. Maria Aparecida bergamashi, Maria Isabel Habckost Dalla Zen e Maria Luisa Merino de Freitas Xavier (Organizadora). 2. ed. –Porto Alegre: Mediação, 2012.

BICALHO, M. F. B. **As fronteiras do saber e a colonização do novo mundo**. Monografia UFPA, Belém: 1999.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da Pesquisa Bibliográfica na Área Odontológica e o Artigo Científico Como Forma de Comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMPOS, Fernanda de Freitas: **Antropofagia ritual dos povos Tupinambá nas cartas jesuíticas, de meados do século XVI-** Monografia de Graduação- Universidade de Brasília- julho de 2013.

CARNEVALLI, José Antonio. Miguel, GAUGHICK, Paulo Augusto. **Desenvolvimento Da Pesquisa de Campo, Amostra e Questionário Para Realização de dm Estudo Tipo Survey Sobre A Aplicação Do Qfd No Brasil.** Santa Bárbara d'Oeste, SP. 2001.

CERVO, Amado Luis et al. **Metodologia Científica.** 5ª Edição – Amado Luiz Cervo, Pedro Alcino Bervian. 5ª Edição. São Paulo, 2002.

CHAMBOULEYRON, Rafael. **Em Torno Das Missões Jesuíticas Na Amazônia (SÉCULO XVII).** 2003.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais.** Petrópolis- Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

COLLEVATTI, Jayne Hunger. **A invenção (franciscana) da cultura Munduruku: sobre a produção escrita dos missionários da Província de Santo Antônio.** USP 2009.

COSTA, Antonio Alburquerque da, FARIAS, Paula Sergio Cunha: **Formação Territorial do Brasil-** Campina Grande: EDUEPA, 2009.

COSTA, Cíntia Jalles de Carvalho de Araújo- **Os primeiros habitantes e colonizadores do território brasileiro.** Bibliografia de arqueologia brasileira UFMG, 1992.

COSTA, Antonio Alburquerque da, CUNHA Paula Sergio: **Formação Territorial do Brasil**- Campina Grande: EDUEPA, 2008.

COHN, Clarice. **Culturas em transformação os índios e a civilização**. outoranda do Departamento de Antropologia da USP, bolsista do CNPq, 2001.

COUDREAU, Henry (1897). **Viagem ao Tapajós**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

CUNHA Manuela Carneio- **História dos índios no Brasil**-São Paulo: Companhia das letras Secretaria Municipal de Cultura. 2012.

DALLABRIDA, Norberto. **A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário**. Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-

DENEVAN, Willian (1992) apud NEVES, Eduardo Góes: **Os Índios Antes De Gabral**. In SILVA Aracy Lopes, GRUPIONI Luiz Donizete Benzi- **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus** / Brasília, MEC/MAR/ UNESCO, 1995.

DIAS, Carlos. **O indígena e o invasor, a confrontação dos povos indígenas do Brasil com o invasor europeu, nos séculos XVI e XVII**- Universidade Federal da Bahia. 1987.

FERREIRA PENNA, Domingos Soares. **A região Ocidental do Pará**. Belém, 1868.

FONSECA, Selva Guimarães. **DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIAS, REFLEXÕES E APRENDIZADOS** .7 ed. São Paulo: Papirus, 2003.

FONSECA, Luís. **O imaginário dos navegantes portugueses do século XV e XVI**. 7. ed. São Paulo, 2014.

GIL, A. G. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**: 900 por Eduardo Galeano. Livraria Cultura, 29 set/2010.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. das letras, 2002.

GOMES, Rauany Lopes ET AL. **O DESRESPEITO AS DIFERENÇAS NA CULTURA INDÍGENA**. Rúbia Beatriz Renner de Aguiar/Ivone Jesus Alexandre. Revista **Eventos Pedagógicos** v.3, n.2, p. 422 - 429, Maio - Jul. 2012.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia: Ciências do homem: Filosofia da cultura**/Mércio Pereira Gomes – 1.ed. 1ª. Reimpressão -, São Paul: contexto, 1998.

HISLSDOF, Maria Lucia Spedo. **Historia da Educação Brasileira**. Editoda Thomson.2013.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss de língua portuguesa**/organizado pelo instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e banco de dados da Língua Portuguesa. S/C.Ltda – ed. rev.- Rio de Janeiro: objetiva, 2004.

IHGTap, Instituto Histórico e Geográfico do Tapajós. **Memórias e Documentos**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do tapajó/Diagramação: Alexandre Alves. Gráfica Global, 2ª edição, Santarém-Pa, 2014.

LARAIA, Roque De Barros. **Cultura um conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1986.

LEOPOLDI, José Sávio. O contato do índio brasileiro: o caso Munduruku/Brazilian amerindian contact: The Munduruku case. Univ Of Oxford. Tese de Mestrato, 2010 osmografia São Paulo, 2007.

LÉRY Jean de: **Viagem à terra do Brasil**, de 1578 Texto I- Sítio: http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/viagem/index01.html.

LOPEZ, Fátima Marins. **Índios e Missionários na colonização da América**. São Paulo: Ática, 1993.

LOUREIRO, Antônio José Souto. **Síntese da História da Amazônia**. Manaus imprensa oficial, 1978.

MARSHAL, Sahlins. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTINS, Jose Tadeu; CARVALHO, Luciana Ribeiro. **Índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil**. LACED/laboratório 1999.

MEIRELES Filho, João Carlos, 1960-**O livro de ouro da Amazônia: Mitos e verdades sobre a região mais cobiçada do planeta**/João Meireles. -Rio de Janeiro: Ediouro, 2004 - (Livro de ouro). Completaria o descobrimento das Antilhas, do Panamá e da América do sul.

MENÉDEZ, M. A. **Uma contribuição para a etnohistória da área do Tapajós-madeira**. Revista do Museu Paulista, 1992.

MELLO; Odimar de Melo; COSTA, Emílio Silva. **Sociedades, espaços e políticas de desmatamento da Amazônia**. Livro Aberto-UFPA, 2006.

MONTEIRO, Benedito, 1924-2008. **História do Pará**/Benedicto Monteiro. 2ed. - Belém, PA: Editora Amazônia, 2013.

MORAIS, LAURA TRINDADE - **Entre A Fé E O Comércio: A Disputa Pelos Munduruku Na Missão Do Bacabal (1871-1881)**. XXVII Simpósio Nacional de Historia- Natal RN. 2013.

MURPY, Robert Daniel Apud ALMEIDA, Djalмира de Sá. **História do município de Itaituba: Importância econômica e geopolítica na Amazônia Legal, na mesorregião do Tapajós e no Estado do Para**. Robert Daniel Murpy, 1054 /Djalмира de Sá Almeida, 2012 . 1ed. Curitiba, PR: CVR, 2012. `

NASCIMENTO, Fernanda Gessica de oliveira. As significações das danças tradicionis do povo Munduruku. RCC, Juara/MT/Brasil, v. 1, n. 1, p. 1-15, jul./dez., Monografia,

NOGUEIRA, Roberto. **Elaboração e análise de questionários: uma revisão da literatura básica e a aplicação dos conceitos a um caso real**. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 2002.

REIS, Arthur Cesar Filho. **Limites e demarcações na Amazônia brasileira: a fronteira com a Guiana Francesa**. 2. ed. Belém: SECULT, 1993 a. REIS, Artur Cesar Filho, Os tratados e Limites

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenasno Brasil moderno**. Petrópolis, Vozes, 1970.

RIBEIRO, Nelson de Figueiredo. A questão geopolítica da Amazônia: soberania difusa e soberania política. Editora Universidade UFPA-Belém Pará, (2006).

ROOSEVELT, Anna. **O Homem na América**. Mudo/Edu.com.br/71/pdf, 1996.

SANTOS, Cássia Alessandra Braga. **Aspectos da fonologia do Mundurukú da madeira (am) (2013)**.

SANTOS, Walter Lopes. **De retirantes a aldeias urbanas Parentesco, Poder e Educação entre os Mundurukú das Praias do Índio e do Mangue**, 1995.

SANTOS, Tiago Moreira dos. **De Povos Indígenas no Brasil: Família lingüística Munduruku**. AM, PA 13755 (Siasi/Sesai), 2010.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 25 ed. rev. E atual – São Paulo:cortez, 2007.

SCHLOTHAUER, Andreas. **Arte plumária Munduruku e Apiaká na coleção de Johann Natterer** , 2002

SILVA, Aracy Lopes da. GRUPIONI Luís Donizete Benzi. **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus/** Brasília, MEC/MARI/ UNESCO, 1995.

SILVA, Martinelles Albuquerque Galvão; QUINTERO Silouane Faria. **A importância da Comunidade de Santarém no processo de formação econômica do Vale do Tapajós na visão de seus antigos moradores.** Monografia de Graduação - Universidade Federal de Santarém - UFOPA, 2014.

SPIX, Johann Baptist Von; MARTIUS, Carl Friedrich Phillip Von. **Naturza, ciência e arte viagem pelo Brasil.** 3v. Mercado Livre, 1820.

SOUSA, Wanderleia Lucena. **Preservação e valorização da Cultura Múnduruku no século XXI: estudo de caso na praia do mangue.** TCC/FAI- Faculdade de Itaituba – Pa, 2017.

SOUSA, Walter Lopes de. **DE retirantes a aldeias urbanas Parentesco, Poder e Educação entre os Mundurukú das Praias do Índio e do Mangue em Itaituba – Pará.** PPGS2008.

SOUSA, Wanderléia Lucen. apud CUNHA, Manuela Carneiro.- **História dos índios no Brasil.** Wanderléia Lucena Sousa 2017/ Manuela Carneiro Cunha, 1992. São Paulo: Companhia das letras Secretaria Municipal de Cultura. 1992.

SOUSA, Wanderléia Lucena. apud LÉRY Jean de: **Viagem à terra do Brasil**, de 1578
Texto I- Sítio: http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/viagem/index01.html.
Wanderléia Lucena Sousa, 2017/ Jean de Léry, 1578.

SOUZA, Sheila Mendonça, MARTINS Maria do Rosário. **A cabeça troféu Munduruku do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra: análise do objeto e os seus desafios.** Departamento de Antropologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

Taylor, Edward. **Cultura um conceito antropológico**. Antropologia Cultural/ Universidade aberta, 1963.

TERENCE, A. C. F.; ESCRIVÃO-FILHO, E. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais**. In. XXVI Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 2006, Fortaleza. Anais eletrônicos... Fortaleza: ENEGEP, 2006.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Trad. RosauraEichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TUFANO, Douglas. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Comentada e ilustrada. São Paulo: Mendonça, 1996.

UGARTE, Auxiliomar Silva, **As Margens míticas: a Amazônia no imaginário europeu do século XVI**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

VILA NOVA, Sebastião. **Cultura e Sociedade: Introdução a Sociologia**. 6ª edição São Paulo: Editora Altas, 2004.

Wilmar, mestre e doutorando em História da Igreja pela Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma. Era professor do Instituto de Teologia, Pastoral e Ensino Superior da Amazônia, em Manaus. Editora: Diário de viagem dos freis: - 2011.

XAVIER, Antonio Carlos. Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos: [ciências humanas e sociais, artigo, resumo, resenha, monografia, tese, dissertação. TCC, slide/ Antonio Carlos Xavier. ilustrações, Karla Vidal. – Recife: Editora Réspel, 2010.

SITES PESQUISADOS:

<http://www.cpt.com.br>

<https://www.historiografianarede.com.br>

<http://www.cpt.com.br>

<https://www.historiografianarede.com.br>

<http://conversasobrehistoria.blogspot.com/2012/03/cultura.html>

<https://geoestudante.wordpress.com/2015/05/12/organizacao-das-aldeias/>

http://literaturanocinema.blogspot.com/2008/08/quinhentismo_08.html

[https://www.museu-goeldi.br/noticias/mes-dos-povos-indigenas-no-museu-goeldi1/dia05mesdospovosindigenas.png/image view fullscreen](https://www.museu-goeldi.br/noticias/mes-dos-povos-indigenas-no-museu-goeldi1/dia05mesdospovosindigenas.png/image_view_fullscreen)

<https://conhecimentocientifico.r7.com/como-as-grandes-navegacoes-mudaram-o-mapa-do-mundo/>

<https://efemeridesdoefemello.com/2014/06/07/portugal-e-espanha-assinam-o-tratado-de-tordesilhas/>

<https://aminoapps.com/c/ciencias-geografia-hist/page/blog/civilizacao-asteca/4YkN IRuYuN0QxwX46krpJbdE7Wl6KjIG7>

<https://jornalggn.com.br/artigos/os-crimes-contr-a-os-povos-indigenas-por-ruben-roenthal/>

<https://www.dnacidadania.com.br/alvares-origem-do-sobrenome/>

<http://jundiagora.com.br/indios-escravizados/>

<https://www.amazon.com.br/Brasileiro-Jesuita-Pintura-Rodolfo-Tamanhos/dp/B07B3P4ZZJ>

<https://pt.churchpop.com/ha-518-anos-acontecia-primeira-missa-no-brasil/>

<https://matogrossomais.com.br/2019/09/06/mutirao-emite-300-rgs-em-aldeia-indigena-em-mt/>